

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**DISSERTAÇÃO**

**PRÁTICAS DE DISCIPLINAMENTO E ESCOLARIZAÇÃO:**  
**REGISTROS FOTOGRÁFICOS NO CONTEXTO SURDO**

**NATHIELLE FRANCOS DA SILVA**

Pelotas, 2017

**Nathielle Francos da Silva**

**Práticas de disciplinamento e escolarização:**

Registros fotográficos no contexto surdo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Madalena Klein

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

S586p Silva, Nathielle Francos da

Práticas de disciplinamento e escolarização : registros fotográficos no contexto surdo / Nathielle Francos da Silva ; Madalena Klein, orientadora. — Pelotas, 2017.

98 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Educação de surdos. 2. Espaços escolares. 3. Análise de imagens. 4. Práticas de disciplinamento. 5. Práticas de escolarização. I. Klein, Madalena, orient. II. Título.

CDD : 371.912

Nathielle Francos da Silva

**Práticas de disciplinamento e escolarização:**

Registros fotográficos no contexto surdo

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 18 de agosto de 2017.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Madalena Klein (Orientador) – PPGE/UFPeI  
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cecília Lorea Leite – PPGE/UFPeI  
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maura Corcini Lopes – PPGE / UNISINOS  
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Angela Nediane dos Santos – Centro de Comunicação e Letras/UFPeI  
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha mãe, Sandra, pelo carinho, incentivo e pelas suas lutas diárias que me possibilitaram seguir em busca de meus sonhos e, assim, concretizá-los.

Ao meu padrasto Paulo, que acompanha meu desenvolvimento pessoal e profissional sempre com muito respeito e amorosidade.

Ao meu amigo, companheiro e namorado Adilson, por estar comigo nos momentos difíceis desta escrita, e por, diariamente, dar-me o aconchego em seus braços, com o calor do seu abraço, acalmado-me e, assim, mostrando-me que estamos sempre lado a lado, seguindo na mesma direção.

À minha Dinda Sandra, que sempre manteve a porta de sua casa aberta, acolhendo-me para que eu pudesse desbravar os caminhos da “Miguel Tostes”, em direção ao prédio da Faculdade de Educação da UFRGS.

Às amigas e amigos que sempre estiveram presentes nesta caminhada, acompanhando os momentos de angústia de uma escrita acadêmica, mas sempre me proporcionando momentos de descontração, necessários para a conclusão deste trabalho.

À Madalena, orientadora desta dissertação, que acompanha minha aproximação aos Estudos Surdos desde o estágio docente, realizado ainda na graduação. Agradeço pelas suas provocações diárias a respeito deste campo da educação que me desacomoda, move e fascina, a cada dia, não apenas como pesquisadora, mas também como professora.

Aos colegas de orientação: Karina Ávila, pelas primeiras provocações sobre a possibilidade de se fazer uma pesquisa com fotografias; Gisele Rangel, que, para mim, é uma heroína surda que sempre se disponibilizou em contribuir com esta pesquisa; Ângela Nediane, pelas provocações no decorrer desta pesquisa; Fabiano Souto e Rúbia Aires (minha dupla), pelas angústias e lamentações, mas também pelas trocas, aprendizagens e momentos de descontração que contribuíram para a construção de uma relação de amizade que atravessa os muros da Faculdade de Educação, com diferentes identidades, em diferentes tempos e espaços. Grata!

Às novas colegas de orientação Ana Luiza, Cássia e Violeta, agradeço pelas contribuições para a finalização desta escrita.

Ao GIPES – Grupo Institucional de Pesquisa em Educação de Surdos –, pelas trocas e diálogos que subsidiam pesquisas no campo dos Estudos Surdos.

Aos participantes da pesquisa “Circulação e consumo de produções culturais surdas em espaços escolares bilíngues”, núcleo Pelotas /RS, vinculada ao GIPES, por momentos de constante aprendizagem. Em especial ao Kevin Veloso, que se disponibilizou a realizar a filmagem de uma das narrativas desta pesquisa.

À Escola Especial Professor Alfredo Dub, pelas provocações e motivações diárias. Agradeço, em especial, a gestão 2015/2016 e a atual gestão por me incentivarem e acreditarem no meu trabalho.

Às colegas do “Dub”, por, diariamente, contribuírem para o meu desenvolvimento docente.

À Heniane, Maíra e Rejane, parceiras de diálogos, trocas, vivências e experiências.

À escola pesquisada, por abrir seu acervo fotográfico e, assim, possibilitar esta pesquisa. Grata!

Aos participantes desta pesquisa, cujas narrativas foram fundamentais para a compreensão da constituição deste espaço.

Às professoras que compõem a banca: Maura Lopes, por ser minha referência, mostrando-me a possibilidade de pesquisar a educação e o sujeito surdo através da fotografia; Maria Cecília Lorea Leite, pelas contribuições no campo das imagens e pela acolhida em sua disciplina, apresentando-me uma possibilidade teórico-metodológica que, até aquele momento, me era desconhecida; Ângela Nediane dos Santos, em um primeiro momento, fazendo contribuições como colega, e, agora, na banca, agradeço pela disponibilidade em aceitar este convite, pois suas contribuições sempre qualificaram meu trabalho.

À Escola Upiá, pela acolhida nos momentos finais desta escrita.

Às colegas da Pedagogia que sempre me incentivaram a seguir.

## RESUMO

SILVA, Nathielle Francos da. **Práticas de disciplinamento e escolarização:** Registros fotográficos no contexto surdo. 2017. 98f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

Esta dissertação apresenta uma pesquisa vinculada ao curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. A investigação foi realizada em uma escola de surdos do Rio Grande do Sul, e teve por objetivo analisar práticas de disciplinamento e de escolarização registradas em fotografias e, com isso, este olhar sobre as imagens permitiu analisar a constituição deste espaço de escolarização. O percurso metodológico se deu através de visitas realizadas à instituição, bem como da aproximação ao seu acervo fotográfico, do qual foram selecionadas 64 imagens, havendo um recorte temporal entre os anos de 1960 a 2005. Posteriormente a esta etapa, foram produzidas, individualmente, duas narrativas, tendo como base as imagens previamente selecionadas e disponibilizadas às entrevistadas. As convidadas a realizar as narrativas são sujeitos que estiveram presentes em diversos momentos de escolarização desta escola e atuaram de diferentes maneiras para a constituição deste espaço. Após estas duas etapas, iniciou-se o processo analítico das imagens, quando se utilizou como suporte as contribuições do método interpretativo de imagens. No decorrer das análises realizadas, a partir de uma aproximação à perspectiva foucaultiana, bem como aos teóricos do campo dos Estudos Surdos, emergiram enunciados de práticas de disciplinamento e escolarização que se tornaram recorrentes no decorrer da pesquisa, associadas a diferentes formas de disciplinamento através: a. das práticas de oralização; b. da reabilitação do corpo através de dispositivos mecânicos; c. de práticas através de ofícios; d. da maquinaria escolar e suas produções através do desporto e do coral sinalizado. A aproximação junto ao acervo da escola possibilitou aguçar o olhar sobre a escolarização dos sujeitos surdos, os disciplinamentos que a escola exerce sob esses corpos e as subjetividades que ali são produzidas.

**Palavras-chave:** Educação de surdos; espaços escolares; análise de imagens; práticas de disciplinamento; práticas de escolarização.

## Abstract

SILVA, Nathielle Francos da. **Disciplining and schooling practices: Photographic records in the deaf context.** 2017. 100f. Master thesis (Master's degree in Education) Post graduation Program in Education, Education School, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

This master thesis presents a research affiliated to the Master's Degree Program in Education from the Federal University of Pelotas. The investigation has taken place in a school for the deaf in Rio Grande do Sul, and had the objective of analyzing disciplining and schooling practices that were registered in photographic media, and the look upon these images allowed the analysis of the constitution of the schooling space. The methodology was constituted of visits to the institution, and the approximation to its photographic acquis, in which 64 images were selected, with a temporal clipping between the years of 1960 to 2005. After this step, two narratives were produced individually, with the previously selected images, and then presented to the interviewees. The subjects invited to perform these narratives have been present in different moments of the schooling in this particular school and have acted in different ways to assist the constitution of this space. After these two steps, the analytical process of the images began, and the interpretative method of images was used as a support. As the analysis proceeded, based in a Foucauldian perspective approach, as well as in theoreticians from the Deaf Studies field, evidence of disciplining and schooling practices that have become recurrent throughout the research process, and that are associated with different forms of disciplining, have emerged, through: a. the practices of oralism; b. rehabilitation of the body through mechanical devices; c. practices through workshops; d. school production through sports and signed choir. The approximation within the school acquis enabled a sharpened look on schooling of deaf subjects, the disciplining movements the school performs on them and the subjectivity produced there.

Key-words: Education of deaf, school spaces, image analysis, disciplining practices; schooling practices.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografia da escola I.....	53
Figura 2 - Fotografia da escola II.....	57
Figura 3 - Cena do filme <i>O menino selvagem</i> , de François Truffaut.....	60
Figura 4 - Fotografia da escola III.....	61
Figura 5 – Disciplinamento do corpo.....	64
Figura 6 - Fotografia da escola IV.....	65
Figura 7 - Fotografia da escola V .....	70
Figura 8 - Desenho do Brasão.....	72
Figura 9 - Fotografia da escola VI.....	75

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	10
1.1 Minha inserção no contexto surdo.....	10
1.2 Por onde transita a minha escrita.....	12
1.3 Teóricos e suas contribuições .....	16
2. CONTEXTOS INVESTIGATIVOS .....	19
2.1 A escola investigada e seus contextos.....	19
2.2 Acervo: aspectos e contextualidades .....	23
2.3 Por que estas e não aquelas? Escolhendo imagens, narradores e significados .....	29
3. CONSTRUÇÃO DA PROBLEMÁTICA E SUAS CONCEPÇÕES .....	37
3.1 Fotografia como um artefato pesquisável.....	38
3.2 Uma análise interpretativa da imagem .....	42
3.3 Disciplinar: práticas registradas em imagens .....	46
4. DISCIPLINAMENTO E ESCOLARIZAÇÃO: SUAS EVIDÊNCIAS REGISTRADAS EM FOTOGRAFIAS.....	51
4.1. A oralização e suas distintas práticas de disciplinamento .....	53
4.2 Dispositivos mecânicos para reabilitar o corpo. ....	61
4.3 Ofícios de disciplinamentos.....	65
4.4 A maquinaria escolar e suas produções.....	69
4.4.1 Desporto: a produção de corpos disciplinados.....	70
4.4.2 Mostra de trabalho: disciplinamentos sinalizados .....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	78
REFERÊNCIAS.....	82
ANEXOS .....	86
APÊNDICES.....	91

## 1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação de Mestrado foi desenvolvida junto à linha de pesquisa “Currículo, profissionalização e trabalho docente”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – RS. Ela trata da apresentação de uma investigação que visou problematizar as práticas de disciplinamento e escolarização registradas em fotografias no contexto educacional surdo.

A pesquisa que se refere à dissertação está vinculada ao Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos – GIPES<sup>1</sup> – que, atualmente, desenvolve, entre outras, a pesquisa “Produções culturais no contexto da educação bilíngue”, na qual também atuo como pesquisadora.

Inicialmente, venho mostrar os caminhos que percorri durante a graduação até o desenvolvimento desta pesquisa, caminhos estes que me foram fundamentais para me constituir pedagoga, professora e pesquisadora. Ainda pretendo abordar os pensamentos, reflexões e desafios que vivenciei ao longo desta caminhada, que possibilitaram realizar esta pesquisa.

### 1.1 Minha inserção no contexto surdo

Minha inserção no contexto de Educação de Surdos aconteceu quando estava na graduação, durante as aulas da disciplina de Libras – Língua Brasileira de Sinais<sup>2</sup>. Naquele momento, sentia-me encantada com todo aquele mundo que estava sendo disponibilizado em minha formação. Arrisco-me a dizer que foi a Libras que conduziu meus estudos nos dois últimos anos de faculdade, no Curso de Pedagogia, pois meu olhar foi direcionado para a Educação de Surdos.

Posteriormente à conclusão da disciplina de Libras, ainda durante a graduação, inseri-me no contexto educacional surdo. De maneira tímida e voluntária, comecei a frequentar uma escola de surdos da região, circulando por seus corredores com o objetivo inicial de conhecer e elevar meu nível linguístico, porém,

---

<sup>1</sup> Esse grupo desenvolve pesquisas na área da Educação de Surdo a partir de uma parceria interinstitucional entre as seguintes universidades: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

<sup>2</sup> A Língua Brasileira de Sinais – Libras - tornou-se obrigatória nos cursos de licenciatura a partir do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

em pouco tempo, estava incluída naquele ambiente educacional, social, cultural, histórico e político que constitui uma Escola de Surdos.

Em relação à aquisição da Língua de Sinais, ela aconteceu de maneira sutil. Inicialmente, meus sinais eram perdidos e desconfigurados<sup>3</sup>, mas, posteriormente, foram se aprimorando com os parâmetros da língua e sendo corretamente produzidos. Além disso, esse ambiente me proporcionava sensações nunca sentidas e expressões nunca expressadas, causando-me conforto por ali estar. De forma recíproca, eu estava sendo incluída nesse contexto e ele estava fazendo parte de mim, fazendo com o que eu focasse meu olhar para a Educação de Surdos, permanecendo nela, até hoje.

Frequentar aquele espaço educacional me motivava, bem como conhecer os sinais de tudo e todos; novas configurações de mão; treinar a datilologia de maneira rápida e precisa; e, ao longo dessa motivação, percebi que neste espaço circulava uma cultura<sup>4</sup>: práticas, métodos e didáticas diferenciadas devido ao uso da Língua de Sinais e da experiência visual dos sujeitos surdos que ali estavam.

Minha circulação nesse ambiente escolar ocorreu de maneiras distintas: em um primeiro momento, realizei trabalho de monitoria voluntária, posteriormente, tornei-me funcionária da escola, realizei meu estágio em docência obrigatório do Curso de Pedagogia e, atualmente, pertenço ao quadro docente da instituição.

Ainda durante a graduação, tive a oportunidade de participar do Projeto de Extensão Tempos e Espaços na Educação de Surdos<sup>5</sup>, o que proporcionou expandir meus conhecimentos em relação à constituição do espaço educacional surdo. Um dos objetivos do projeto de extensão, naquele momento, era conhecer a história de uma das instituições de educação de surdos da região e organizar cronologicamente materiais junto com os alunos da escola, atividade que se articulou aos festejos de fundação da instituição.

---

<sup>3</sup>A língua de sinais é constituída por cinco parâmetros: configuração de mãos, pontos de articulação, movimento, orientação e expressão corporal e/ou facial. No processo de aquisição ou aprendizagem desta língua, esses parâmetros vão sendo apropriados e aprimorados no sentido de desenvolver a fluência.

<sup>4</sup> Quando faço uso do termo cultura surda, tenho como referencial a autora Karin Strobel (2008, p. 24), pois, segundo ela: “cultura surda é o jeito de o sujeito entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição de identidade surda e das “almas” das comunidades surdas. Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e hábitos do povo surdo.”

<sup>5</sup> Projeto vinculado à Faculdade de Educação – Fae/UFPel, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Madalena Klein.

Durante a participação no projeto, aproximei-me de um vasto acervo de informações, o qual estava registrado em fotografias. Tal acervo me incentivou a refletir quais histórias e narrativas circulam diante das imagens essas que, visivelmente, representaram práticas pedagógicas<sup>6</sup> que auxiliaram na constituição desse espaço escolar.

## **1.2 Por onde transita a minha escrita**

Ao ingressar no curso de Mestrado em Educação, comecei a desenvolver a presente pesquisa diante de um grande acervo imagético disponível na escola. Meu foco delimitou-se então, sendo possível aprofundar meus estudos na Educação de Surdos quando, inicialmente, direcionei meu olhar às práticas pedagógicas registradas em imagens nesse contexto.

A escola é um ambiente no qual transitam muitos jeitos e modos de conhecimentos, aprendizagens e saberes, sendo produtora de diversas subjetividades. Assim, a pesquisa realizada circulou nesse ambiente de escolarização de pessoas surdas.

A presente pesquisa surgiu a partir de uma ideia, logo após uma intervenção realizada na escola de surdos, como já anunciado anteriormente – na qual se constituiu meu campo de produção de dados. De maneira sutil, fui me aproximando da história da Educação de Surdos e, assim, interessando-me pelas práticas pedagógicas que foram se constituindo ao longo do tempo e dos espaços escolares daquela escola.

Em um primeiro momento desta pesquisa, propus-me a olhar as práticas pedagógicas, buscando analisar aquelas que estavam registradas em fotografias. Ao observá-las, de maneira ampla, e, por vezes, descontextualizada, refleti sobre tais registros, o que me levou à seguinte problematização: “que práticas pedagógicas registradas em fotografias constituíram esse ambiente escolar?”. Esta indagação me inquietou, motivou-me a querer aprofundar meus conhecimentos pela História da Educação dos Surdos, conhecendo a forma como se constituiu a escolarização desses sujeitos, tendo como cenário uma escola específica de surdos.

---

<sup>6</sup> Práticas pedagógicas, neste trabalho, são entendidas como ações, métodos e práticas realizadas na escola, com o objetivo de auxiliar o processo de aprendizagem do educando.

Tais inquietações se prolongaram ao longo desta pesquisa, porém, precisei conduzir a temática deste trabalho de maneira diferente, por isso foi necessário reorganizar o eixo temático e estabelecer novos caminhos teóricos norteadores para que fosse possível a finalização do trabalho.

Refiro-me a uma mudança de foco no problema de pesquisa que repercutiu na alteração do título desta dissertação, agora intitulada *Práticas de disciplinamento e escolarização: registros fotográficos no contexto surdo*, sendo que, anteriormente, ela tinha o nome provisório de *Práticas pedagógicas registradas em fotografias no contexto surdo*. Percebe-se, ao alterar o título, que conceitos e reflexões foram (re) estabelecidos no desenvolver desta pesquisa. Sendo assim, aproximei-me do conceito de disciplina, tendo por referência os estudos foucaultianos, o que se fez fundamental nesse processo.

O momento de se pensar em um tema que se pretende abordar em uma dissertação é imprescindível para direcionar os movimentos teóricos abordados na escrita. Tais movimentos me acompanharam em minha constituição acadêmica por exatos trinta meses. Nesse tempo cronológico que se refere à entrada no mestrado até o dia da defesa final, construí o projeto: estudei, escrevi, li, reli, participei de disciplinas que pudessem me auxiliar a refinar minha argumentação e análise, o que, por vezes, parecia insuficiente. Estudar e refletir sobre o tema proposto e não desistir diante das dificuldades e incertezas foi fundamental para a construção deste trabalho.

No momento da banca de qualificação, eu já havia me aproximado do acervo da escola e selecionado algumas imagens fotográficas sobre as quais realizei um exercício analítico inicial que pretendia adensar no seguimento da pesquisa. Naquele momento, fui questionada pela banca se o que eu estava expondo nas imagens era referente às práticas pedagógicas ou se aproximava a prática de disciplinamento e escolarização. Questionamento que, naquele momento, tive dificuldade de entender. Ainda, fui questionada: “o que são práticas pedagógicas?”. O que viria a ser um dos conceitos fundamentais para o desenvolvimento da temática, mas que, até aquele momento, não havia conceituado, nem consolidado em meus estudos.

Os estudos prosseguiram: realizar leituras indicadas pela banca de qualificação, continuar a cursar disciplinas, aprofundar a coleta de dados no acervo e buscar as narrativas dos participantes da pesquisa. Naquele movimento

investigativo percebi, sim, que os dados que vinham sendo produzidos em meus estudos eram referentes a práticas de disciplinamento e escolarização. Estabelecer este foco não foi uma tarefa fácil. Significaram horas de dedicação e uma imersão em conceitos e contextos que até então eram distantes de mim. Os estudos de novas teorias se intensificaram para que fosse possível analisar os dados de forma mais coesa e, assim, obter a conclusão deste trabalho.

Penso que não trago uma nova proposta, mas, sim, algo que já vinha se configurando naqueles dados inicialmente mostrados e que, ao longo dos tempos, promoviam outros conceitos e novas abordagens, o que, no desenvolvimento e adensamento das análises, só se consolidou.

Como venho argumentando, devido aos caminhos que precisei percorrer no desenvolvimento desta escrita, novos movimentos e percepções foram realizados, novos títulos e conceitos foram atribuídos a esta dissertação. Anteriormente, esta escrita estava sendo delineada com uma visão mais próxima a prática pedagógica. Entretanto, agora, os estudos se aproximam de uma perspectiva foucaultiana, com olhares voltados aos processos de disciplinamento e escolarização em espaços escolares. Diante destas novas construções, apresento a dissertação de mestrado que agora tem um novo enfoque, na qual me propus analisar imagens fotográficas, tendo como propósito problematizar: “quais as práticas de disciplinamento e escolarização vem constituindo a escola de surdos?”.

Para que fosse possível realizar essas abordagens, realizei uma imersão em um mundo de imagens que foram produzidas em um contexto escolar específico. Desse modo, fui além de minhas análises, ao buscar narrativas de sujeitos que vivenciaram/produziram essas práticas de disciplinamento e escolarização nessa maquinaria chamada escola de surdos.

Diante das problematizações, reforço a importância da fotografia como sendo um documento de referência, ou seja, a fotografia não somente como um registro, mas sim um artefato de registro sobre um dado momento do passado e que nos ajuda a pensar o presente.

Penso que as práticas de disciplinamento e escolarização registradas nas fotografias a que tive acesso possibilitam compreender os tempos e espaços da Educação de Surdos, pois a imagem consegue deixar gravado um determinado momento/situação, tornando-o imóvel, inalterado, logo, passando a ser um

documento que serve como registro de um grupo social, de uma cultura, assim tornando a fotografia um registro histórico (RODRIGUES, 2007).

Diante de um acervo fotográfico tão amplo que foi constituído em uma Escola de Surdos no Rio Grande do Sul, tive como objetivo analisar as fotografias que nesse acervo se fazem presentes, porém, delimitar o tema diante da grandiosidade do acervo foi de suma importância para a realização da pesquisa, pois, segundo Schwambach (1996, p.3):

Quando se resolve trabalhar com imagens fotográficas, se faz necessário uma delimitação do objeto que será investigado de acordo com a intenção da pesquisa. As imagens podem confundir o pesquisador caso este não se previna de uma metodologia de análise de tais fontes.

Como dito anteriormente, a quantidade de fotografias disponibilizadas para análise era numerosa, pois existia, na escola, aproximadamente seis décadas de registro fotográfico e, devido a isso, (re)definir o tema tornou-se processo extremamente importante nesta escrita. Logo, redirecionar meu olhar para as práticas de disciplinamento e escolarização que, nesse contexto educacional, foram registradas e representadas através de fotografias, fez com que eu produzisse dados de uma determinada maneira, e que, através da minha problemática, fosse possível analisá-los para a conclusão desta pesquisa.

Em relação a produzir dados a partir de um objeto já pronto, neste caso, a fotografia, tem-se um significado que está diretamente relacionado ao foco ou a intenção desta pesquisa: o disciplinamento e escolarização em escola de surdos. Diante de tantas fotografias, foram necessários vários olhares, tentativas de agrupamentos, atenção ao que emergia como possibilidades de sentidos sobre as práticas naquele espaço. Ao analisar as fotografias, também há um processo interpretativo, isto é, ao analisar as imagens, estamos interpretando o que foi registrado nelas, e esta interpretação condiz com os objetivos estabelecidos pelo pesquisador.

Alves et al. (2012, p.15) dizem que:

Entendemos, ainda, que praticar fotografias, e aqui nos referimos às práticas de interpretar, produzir e usar imagens, constitui um modo de perceber, expressar, imaginar e, principalmente, produzir mundos. Assim, analisar o ato de praticarpensar<sup>7</sup> imagens pode nos ajudar a compreender a existência humana na sociedade contemporânea, bem como os modos

---

<sup>7</sup> Expressão utilizada pela autora.

pelos quais constituímos nossas memórias, nossas utopias e nossa História.

Sendo assim, as fotografias permitem diversas maneiras de pensar sobre elas, possibilitando várias interpretações de representações sobre um determinado contexto. Para exemplificar, em outras palavras, Schwambach (1996, p.3) argumenta que:

O pesquisador ao utilizar a fotografia perceberá uma certa ficção nas inúmeras possibilidades de interpretação. As fotografias como sobreviventes de um passado, marcam uma memória, e apresentam-se polissêmicas quando passam a ser investigadas historicamente. A falta de códigos pré-estabelecidos para uma leitura da imagem fotográfica estabelece uma carga de subjetividade, que se desenrolará em uma possível ficção.

Nesse sentido, tais registros nos remetem a algumas interpretações, como dito anteriormente, a interpretações estabelecidas pelo pesquisador. Dessa forma, o suporte imagético que estudo nesta pesquisa permite averiguar quais relações são estabelecidas com as práticas disciplinadoras e seus contextos e, assim, interpretá-las.

De maneira mais específica, procuro problematizar as práticas de disciplinamento e escolarização que aparecem nos registros fotográficos, tendo em vista que o ambiente educacional surdo sofreu diferentes intervenções ao longo dos anos, e, como diz Klein (2005, p.15): “a história da educação dos surdos apresenta-se cheia de rupturas e descontinuidades”.

### **1.3 Teóricos e suas contribuições**

Para desenvolver esta pesquisa foi necessário adensar meus estudos em áreas específicas, algumas pouco exploradas até então. Assim, aprofundei meus estudos em uma área da educação na qual já tenho certa afinidade, ou seja, a Educação de Surdos. Considero esse um campo do saber amplo, denso, repleto de contextos e significações, então, para que minhas problematizações fossem possíveis, tive que me apropriar de alguns conceitos singulares que este campo produz.

No decorrer deste caminho, foi de suma importância dedicar-me a autores que me auxiliassem em minhas percepções sobre a Educação de Surdos na área

dos Estudos Surdos. Os teóricos a quem me refiro e que são referência nessa temática são: Maura Lopes (2002; 2011), Madalena Klein (2003), Márcia Lunardi (2003), Sérgio Lulkin (2000), entre outros.

Para adensar as análises imagéticas, pesquisei, no campo das imagens, estudos que me possibilitassem compreender as fotografias como um objeto de pesquisa. Portanto, busquei estudos e referenciais em uma área de saber que, até aquele momento, me era desconhecida. E então, como pesquisadora, estava diante de uma dificuldade: como articular a Educação de Surdos e os registros fotográficos juntamente com as práticas de disciplinamento e escolarização que pretendia analisar?

Para que acontecesse essa articulação, detive-me em averiguar as potencialidades de se fazer pesquisa usando fotografias como fontes e não somente como uma ilustração de um texto. Ainda, nessa árdua e longa busca de referenciais para embasar meus estudos, depois de muitas leituras e estudos a respeito da fotografia, foi possível estabelecer uma ligação mais específica entre as fotografias e o espaço escolar.

Por meio de estudos com ênfase em fotografias, percebi que é possível verificar através das imagens de que forma ocorreu o processo de escolarização. Sendo assim, os registros possibilitaram ver a construção do espaço escolar, bem como a organização física e dos corpos, como também visualizar as primeiras impressões de como esse ambiente educacional foi construído.

Para sustentar meus estudos referentes aos estudos de imagem, utilizei autores como Ana Maria Mauad (2008), Adriene Adão (2011), Aristóteles Berino (2009), Miriam Leite (2001), Nilda Alves (2003), entre outros. E, procurando uma aproximação entre estudos de imagem e educação de surdos, trago como referência Maura Lopes (2002) e Gisele Rangel (2005).

Diante disso, em meus estudos, usarei como recurso a imagem, pois ela documenta, registra, é referencial, uma vez que a fotografia nos transmite uma informação, sendo assim, um documento. Sobre esse aspecto, Lopes (2002, p.50) nos diz que:

A fotografia é uma das possibilidades de apresentarmos diferentes maneiras de olharmos para o mundo. Ela é um momento de seleção que se materializa na escolha da imagem que se quer ver capturada, registrada e projetada temporalmente. Nesse enfoque, o registro obtido em uma imagem fotográfica depende de inúmeras variáveis, que estão além da materialidade capaz de ser fotografável.

Ainda para subsidiar esta escrita, trago autores de inspiração foucaultianos, bem como o próprio filósofo Michel Foucault (1978; 1989) para contribuir, fundamentar e fomentar as discussões em relação às práticas de disciplinamento e escolarização. Os autores que referencio são Alfredo Veiga-Neto (2012) e Silvio Galo (2012).

Para uma maior compreensão dos leitores desta dissertação de Mestrado, organizei minha escrita em capítulos que visam mostrar as problemáticas que fomentam as discussões da pesquisa realizada.

No capítulo I, exponho como a escola onde a pesquisa se desenvolveu vem se constituindo ao longo de seis décadas. Além disso, busco descrever como foi desenvolvida a pesquisa, ou seja, suas etapas; como ocorreram os primeiros contatos com a escola; as aproximações com o acervo; e, ainda, como foram produzidas as narrativas com os participantes da investigação.

Já no capítulo II, apresento as problemáticas que serviram para conduzir os eixos norteados, os conceitos fundamentais para subsidiar esta escrita, bem como teorias e reflexões realizadas no desenvolver da pesquisa.

O capítulo III foi destinado para a apresentação das análises, que foram desenvolvidas com base na produção de dados, juntamente com os eixos temáticos que nortearam esta pesquisa. Ainda, nessa etapa da dissertação, as unidades analíticas foram organizadas para melhor organização e compreensão.

No último momento da escrita, realizo os encaminhamentos finais desta pesquisa, buscando destacar as práticas de disciplinamento e escolarização que emergiram durante as análises, o processo de constituição desse espaço, as diferentes possibilidades de se construir subjetividades através das práticas disciplinadoras, assim como as possibilidades de novas pesquisas relacionadas aos Estudos Surdos.

## 2. CONTEXTOS INVESTIGATIVOS

Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito da Educação, mais especificamente na área de Educação de Surdos, realizando um estudo em registros fotográficos de uma escola de surdos no estado do Rio Grande do Sul. De forma mais específica, os dados selecionados para fazer parte do *corpus* desta pesquisa são fotografias disponibilizadas no acervo desta instituição em especial.

Neste capítulo, pretendo apresentar a escola investigada para, assim, compreender melhor o contexto no qual esta pesquisa foi desenvolvida. Penso que conhecer o espaço onde a pesquisa ocorreu, auxilia para compreender as discussões tomadas no desenvolvimento deste trabalho.

A partir desta compreensão de contexto, trago a organização deste trabalho, tais como as primeiras aproximações com o acervo e a escolha das imagens que se relacionam com o objetivo proposto nesta pesquisa, e que também condizem com os percursos metodológicos que foram traçados.

### 2.1 A escola investigada e seus contextos

A instituição pesquisada originou-se<sup>8</sup> em moldes clínicos, tendo como um de seus objetivos amenizar problemas da falta de audição e fala, bem como de outras condições ligadas a outras deficiências, como a intelectual. Lopes (2011, p.43), quando analisa a emergência das instituições de ensino para surdos, explica que “a surdez, entendida com um problema de saúde, castigo ou algo a ser corrigido, era tratada de forma a minimizar seus efeitos aparentes, fazendo-se os sujeitos surdos falarem como se fossem ouvintes”.

No começo da fundação da escola aqui analisada, quem se responsabilizava por sua organização eram pessoas vinculadas à Cruz Vermelha. Naquele momento, a escola estava fortemente ligada à questão clínica, na qual os alunos eram considerados pacientes. Entretanto, ela também se preocupava com as questões sociais das pessoas que a frequentavam e, diante disso, observa-se que, como um de seus princípios, a instituição tinha como foco amenizar os problemas oriundos da

---

<sup>8</sup> Informações com base nos registros encontrados em arquivos escritos e fotográficos disponibilizados pela escola.

anormalidade, pois o que ocorria, na época, era um fenômeno de hierarquização entre a normalização da identidade desejável diante das demais.

Percebe-se que no espaço físico onde eram vinculadas, intensamente, ações clínicas, já se demonstrava indício de dispositivos institucionais de escolarização especial (ALVAREZ-URIA; VARELA, 1992), pois já havia uma disponibilidade de espaço físico fechado que proporcionava uma reabilitação do corpo, e, ainda, segundo os autores (1992, p.76):

Entretanto, interessa-nos particularmente ressaltar que esse espaço fechado não é em absoluto homogêneo. Em virtude da maior ou menor qualidade da natureza dos educandos e reformandos, determinada por sua posição na pirâmide social, irão deferir as disciplinas, flexibilizar os espaços abrandar enfim os destinos dos usuários.

Tal excerto nos faz refletir sobre os caminhos que esse espaço traçava, ou seja, através de uma base clínica estava sendo organizado um ambiente de escolarização. Ainda, devido à origem da instituição, é possível perceber que o viés clínico e a assistência social foram elementos que auxiliaram para a constituição deste ambiente.

Este espaço clínico e social precisou atender a um processo emergente diante de seus, ali denominados, pacientes, o que demandava, para além do clínico, um processo de escolarização, ou seja, de pacientes, tornaram-se alunos. Portanto, esses alunos já não exigiam mais apenas a clínica, mas sim um espaço que pudesse potencializá-los como sujeitos operantes na sociedade.

Esse deslocamento de perspectiva que abordava as necessidades dos sujeitos ocorreu gradativamente. Esse processo necessitou de um tempo disciplinar escolar, cujo propósito de organização arquitetônica visava ordenar, por idades, classes homogêneas, crianças alinhadas e com lugar marcado, tarefas e matérias organizadas em níveis crescentes de dificuldades, entre outras (ARAÚJO, 2012).

Em relação aos espaços disciplinadores, Michel Foucault (1989, p.130) diz que: “a disciplina às vezes exige a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local protegido da monotonia disciplinar.” A partir desse movimento, a instituição escolar foco da pesquisa é originada e, assim, caracterizada como uma Escola de Educação Especial, em que, primeiramente, desde a sua fundação, atendeu crianças com deficiência intelectual e surdos.

Historicamente, a Educação de Surdos configurou-se através da Educação Especial, cujo princípio era atender os menos capazes, os quais pertenciam a grupos denominados de “deficientes”, ou seja, pessoas com problemas/dificuldades intelectuais, auditivos entre outros. Segundo Lunardi (2003, p. 66):

Cabe destacar que as pessoas “estranhas”, “deficientes”, “diferentes” têm existido ao longo de toda história da humanidade – elas não “surgem” somente com a institucionalização da Educação Especial; pelo contrário, são essas figuras que acabam por constituir as condições que possibilitaram o surgimento de quem agora é visto como sujeito deficiente.

A Educação Especial também é vista em uma perspectiva de controle social, tendo assim uma forte relação com a medicina social (LUNARDI, 2003), pois ambas se encontram entrelaçadas com o intuito de curar a sociedade, e, assim, obter uma população saudável. Nessa perspectiva, a Escola Especial é permeada de discursos clínicos que tentam normalizar o corpo que não se encontra em perfeito estado, logo, para amenizar esse problema, ela se torna um espaço de reabilitação. Conseqüentemente, dentro desse espaço educacional, a ordem é realizar estímulos clínicos e pedagógicos para que esse corpo aprenda a ser útil diante da sociedade.

No caso específico da escola que foi a fonte de minha pesquisa, a constituição desse ambiente foi promovida através da Educação Especial, atendendo a um grupo diversificado de sujeitos. Entretanto, em certo momento de seu percurso de escolarização, a escola e suas práticas foram direcionadas para um determinado sujeito, o surdo. Isso ocorreu no início da década de 90, do século XX, a partir de uma reivindicação da Secretaria de Educação<sup>9</sup>, sugerindo à escola a escolha de atender somente uma das deficiências em nível de escolaridade. Naquele momento, optou-se pelo atendimento de pessoas surdas, em nível de Ensino Fundamental. Portanto, desde aquele momento, a escola dedica-se a Educação de Surdos. A partir desse momento, mesmo sendo o surdo ainda visto como um sujeito especial, a escola caminha para a perspectiva de uma escola de/para surdos. Lopes (2011, p.83) afirma que:

A escola de surdos possui práticas distintas da escola especial ou da escola de ouvintes, mas o fato de ser de surdos não rompe com a função primeira de qualquer escola, que é a de disciplinar, socializar, normalizar e garantir ordem da sociedade.

---

<sup>9</sup> Informações retiradas do site oficial da escola, entretanto, a mesma não especifica qual secretaria – municipal ou estadual – fez esta solicitação.

Em um primeiro momento, a Escola Especial foi o espaço que proporcionou a escolarização dos sujeitos surdos. Durante esse processo de escolarização, esse espaço se potencializou, de modo que a comunidade surda começou a reivindicar um espaço que atendesse às propostas sociais, culturais e linguísticas, ou seja, uma Escola de Surdos que proporcionasse um ensino bilíngue. Nesse sentido, buscava-se um ambiente de ações de propósitos pedagógicos, mas que, por vezes, conseguisse estabelecer em seu espaço momentos de acolhimento da comunidade surda.

Neste ponto, penso que é possível uma breve reflexão para problematizar acerca da pedagogização da comunidade surda (LOPES; VEIGA-NETO, 2010). A escola de surdos é um lugar de reivindicações dessa comunidade, e, por vezes, é nesse espaço, institucionalizado como escola, que a comunidade reivindica sua língua, bem como suas lutas. Pois tanto a escola como as lutas são marcas culturais desses sujeitos (LOPES; VEIGA-NETO, 2010), surgindo em igual proporcionalidade em discursos surdos que fomentam as discussões tanto na escola, como na comunidade. Sendo assim, em relação às lutas linguísticas, políticas e sociais que a comunidade surda discute, percebe-se que há uma forte tendência a haver uma pedagogização dessas discussões, isto é, delas se organizarem a partir de lógicas que se encontram intimamente vinculadas ao espaço escolar. Contudo, “mesmo que esse seja pedagogizado e normatizado pela escola” (LOPES, 2011, p. 78), a organização das reivindicações da comunidade surda possibilitam momentos de proximidade entre os surdos.

Percebe-se que a escola foco da pesquisa, da mesma forma como outras escolas de surdos, sofreu rupturas no processo de escolarização. Tais rupturas, já referidas anteriormente, têm como pano de fundo os diferentes modos de pensar sobre o sujeito, ora anormal e incapaz, ora como participante de uma comunidade linguística e cultural.

Após dois anos, desde que a escola começou a se dedicar exclusivamente à Educação de Surdos, houve uma reorganização dos espaços físico-pedagógicos e clínicos, sendo ali criado um centro de atendimento clínico e educacional. Para uma melhor organização, o centro está localizado no mesmo prédio da escola, porém, em uma área onde as salas são de uso exclusivo para atender seus alunos, alguns da rede pública e outros da própria escola. Ali, são desenvolvidos: atendimento educacional especializado (AEE) de psicologia, de serviço social e fonoaudiologia.

Devida a essa reestruturação, novas configurações pedagógicas sobre a educação foram estabelecidas, ampliando as discussões sobre a Educação de Surdos. Entre elas, as potencialidades de uma educação bilíngue. A proposta bilíngue remete a políticas públicas amplamente discutidas na atualidade, e que são fortemente estabelecidas no ambiente escolar, fazendo com que haja reformulações curriculares e estratégias em práticas de ensino. Sob essa perspectiva, a escola realiza ações curriculares, estruturando-se pedagogicamente para que consiga estabelecer uma proposta bilíngue e, assim, concretizá-la.

Após realizar estudos para conhecer os processos que fizeram com que esse espaço se tornasse uma instituição escolar, bem com as potencialidades da mesma para que a Educação de Surdos fosse desenvolvida, fui, então, em busca do principal objetivo da pesquisa: analisar, nas fotografias, práticas de disciplinamento e escolarização que nelas foram registradas. Para uma melhor organização da escrita, a seguir, detalharei minha imersão neste processo de (re)conhecer o acervo, bem como abordarei as demais etapas metodológicas a serem descritas posteriormente.

## **2.2 Acervo: aspectos e contextualidades**

Para o desenvolvimento desta pesquisa, estabeleci uma primeira aproximação à escola, com o objetivo de obter informações sobre os registros fotográficos e acervos, e, a partir disso, solicitar à direção a autorização para a realização da pesquisa. Após o consentimento da direção, concretizei as visitas na escola para me aproximar do acervo fotográfico.

Neste primeiro momento, realizei uma espécie de varredura nas fotografias existentes, através de uma triagem imagética, que, naquele momento, ainda estava vinculada com a prática pedagógica. Durante esse exercício de reconhecimento do acervo, obtive a informação de que a escola não tinha um lugar exclusivo para guardar as fotografias, ou seja, ela dispunha de dois espaços nos quais era feito o armazenamento de fotografias: a biblioteca e o arquivo passivo.

Sendo assim, o primeiro espaço que fui investigar foi a biblioteca. Nela, observei uma grande quantidade de fotografias em um armário que ficava em uma pequena peça auxiliar, no interior da biblioteca. Neste espaço, há álbuns com registros datados a partir do ano de 1944. Sendo assim, os álbuns encontrados

neste setor compõem a parte antiga do acervo, havendo fotografias que registram um período anterior da oficialização deste ambiente como escola, fato ocorrido na década de 50.

O período cronológico ao qual pertencem esses álbuns é de 1944 até o ano de 1970. As fotografias encontradas contêm informações como datas correspondentes ao ano, bem como pequenas explicações acerca dos acontecimentos registrados em cada imagem, correspondendo ao número de três álbuns, ao todo.

Há também fotografias que estão em outros tipos de álbuns, menores e mais simples, com pequenas informações que correspondem ao ano das fotos. Em alguns álbuns, além da data, encontra-se o nome do evento e/ou festividades referentes às imagens. Em relação às datas destes álbuns pequenos, elas são próximas e não se estendem por muito tempo, pois há referências aos anos de 1999, 2000 e 2001, sendo que, em alguns desses anos, há a reincidência de um ou mais álbuns, totalizando cinco álbuns menores.

Além dos álbuns, há um grande número de fotografias que estão armazenadas em sacos plásticos, de maneira desorganizada e sem identificação de data, o que dificulta a realização de um estudo mais aprofundado de temporalidade.

Como já dito anteriormente, a escola dispõe de outro espaço no qual armazena fotografias, o arquivo passivo, como é conhecida essa peça. Para ter acesso a esse espaço, foi necessário avisar a direção antecipadamente sobre o meu interesse à visita a esse ambiente, sendo meu acesso autorizado para realizar minhas buscas investigativas. O motivo desse rigor à permanência de pessoas nesse local se dá porque há documentos de alunos e arquivos burocráticos da instituição.

Nesse setor, há caixas dispostas em prateleiras, identificadas externamente. Em uma das caixas há a nomenclatura “fotos” e, nas demais, a identificação – “história” e a numeração correspondente à caixa que vai do número um (1) até o seis (6). Na caixa com a nomenclatura “fotos”, há um saco plástico contendo fotografias soltas, sem ordenamento cronológico e com pouca identificação no verso de algumas imagens.

Nas demais caixas, as imagens são organizadas em pastas, estas são compostas por recortes de jornais referentes à escola, convites e fotografias, que constituem o foco desta pesquisa; por esse motivo julguei importante observar esses

outros registros, mesmo sendo compostos por outros suportes contendo informações que ajudam a contextualizar as fotos. Para uma maior compreensão, chamo essas pastas de “álbuns-pasta” devido ao seu formato e por conter imagens fotográficas. Os “álbuns-pasta” pertencem ao período cronológico de 1949 a 2005. Somando as pastas das seis caixas que correspondem a esses arquivos, obtive um total de dez pastas pretas com fotografias armazenadas em plásticos.

A seguir, apresento um quadro para melhor compreensão em relação à forma como foi encontrado o acervo:

<b>Período</b>	<b>Quantidade / Forma de armazenamento</b>	<b>Descrição</b>
1944 a 1970	Três / Álbums	Data e descrição individual em cada imagem.
1949 a 2005	Dez / Álbum-pasta	Data e descrição individual em cada imagem, álbuns contendo documentos.
1999 a 2001	Cinco / Álbums	Descrição e data somente nos álbuns.
Atemporal	Indefinida / Saco plástico	Não há descrição das/nas imagens e nem ordenamento temporal (fotografias soltas).

Tabela 1 – Forma de armazenamento do acervo.

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Por enquanto, não irei me deter em relação ao espaço físico no qual as fotografias foram encontradas, mas, antecipo algumas informações que julgo serem pertinentes para que possamos compreender melhor esse contexto. Tais informações estão relacionadas aos aspectos de organização do acervo e também às fotografias que me instigaram e, assim, me fizeram compreender a constituição desse espaço.

Ao estabelecer uma proximidade com o acervo, em relação ao espaço físico em que se encontravam essas imagens, destaco que foi possível perceber que, devido às fotografias ocuparem dois diferentes ambientes de armazenamento, isso dificultou observar as imagens com uma linearidade, o que faz com que o pesquisador tenha que realizar vários movimentos diante do acervo.

Os movimentos aos quais me refiro são em relação a encontrar fotografias com datas e temáticas similares, mas organizadas em diferentes álbuns e acervos, o

que exigiu, em alguns momentos, olhar dois álbuns ao mesmo tempo para que as informações se completassem.

Novamente, ressalto que a temporalidade não é um dos principais elementos a serem analisados nesta pesquisa, porém, não posso negligenciá-la, pois, através da linearidade temporal, foi possível definir os momentos que constituíram a escola, bem como algumas rupturas de perspectivas que também são visíveis nas imagens<sup>10</sup>.

O tempo datado permitiu, ainda, justificar o recorte temporal das análises: desde 1960 (data na qual aparece, nos álbuns, o registro de fotografia dos primeiros alunos surdos da instituição) até 2005, última data registrada nos álbuns- pasta. Assim como a cronologia, os álbuns também são elementos que compõem esta pesquisa e tal suporte deve ser mencionado. Tendo em vista que uma grande parte das fotografias foi encontrada organizada em álbuns, e baseada na leitura de Possamai (2015) pode-se dizer que as imagens presentes em álbuns estabelecem uma aproximação com esse artefato que é a imagem, pois através dele há uma configuração e organização deste material. A autora ainda vai dizer que os álbuns são:

Editados com os mais variados objetivos e tendo características também bastante diversas, os álbuns constituíram-se em veículos de representações criadas sobre determinadas temáticas ou objeto. Os álbuns fotográficos estiveram presentes em momentos comemorativos em diferentes contextos brasileiros, sendo um dos objetos produzidos ao lado de festividades, paradas militares, exposições. (POSSAMAI, 2015, p.133)

Tais colocações da autora são vistas de maneira bem clara no acervo, pois a organização das fotografias em álbuns baseia-se em agrupá-las conforme a temporalidade e/ou a festividade que ali foi vivenciada, registrada e, posteriormente, organizada e arquivada nos acervos.

Em relação às imagens, o primeiro registro fotográfico pertencente ao acervo da escola é datado de 1944, entretanto, naquele período, a instituição ainda não tinha caráter educacional, mas sim clínico e assistencial, pois sua origem estava relacionada a ações da Cruz Vermelha, como dito anteriormente. Desde a primeira fotografia que compõe o acervo, até as imagens registradas ao longo da década de

---

<sup>10</sup> Essas rupturas não dizem respeito apenas à história isolada desta escola, mas acompanham movimentos de discussão e lutas no campo das políticas educacionais para surdos em nosso país.

50 – década em que, oficialmente, o espaço se constituiu como escola<sup>11</sup> –, há uma grande reincidência de imagens relacionadas à saúde, assistência social e ajuda humanitária.

Ainda nesse tempo-espaço, em uma perspectiva clínica, há, com certa frequência, registros das crianças que frequentavam o Ambulatório da Clínica Infantil da Cruz Vermelha Brasileira. Como um exemplo de assistência social, esse espaço promovia cursos para as mães desses pacientes e, posteriormente, alunos, chamados de “Escola para Mães”. Esses cursos tinham como temática a saúde e cuidado com os filhos, como também aula de artesanato.

Mesmo a escola tendo em seu acervo fotográfico registros anteriores à oficialização do espaço como Escola Especial, o primeiro registro em que é referenciada a presença exclusiva de alunos é datado de 1960 (como mencionado anteriormente), com a seguinte legenda: “alunos da Escola XXXX<sup>12</sup> na sala de aula”. Há outra imagem datada também nesse ano, que se refere ao mesmo contexto com a legenda “classes de surdos”. Neste momento, não pretendo detalhar a análise desta determinada fotografia, mas ressalto aqui a evidência de alunos com diversas deficiências, pois, ali, surgia uma escola especial e, desde então, o sujeito surdo se fazia presente.

Tais dados, obtidos a partir de minhas aproximações com o acervo, proporcionaram-me um novo recorte temporal, pois, anteriormente, acreditava encontrar registros fotográficos em relação aos alunos e evidências pedagógicas constituídas e registradas desde a década de 50, porém, esse dado só foi registrado uma década depois, como já mencionado.

Entretanto, em um primeiro momento desta pesquisa, pretendia-se analisar imagens até o ano de 2010. Esse ano havia sido determinado, por mim, por pensar que seria interessante olhar para os registros pertencentes à primeira década do século XXI, quando novos paradigmas a respeito do sujeito surdo se consolidaram. Dessa forma, apresento alguns dos motivos pelos quais julguei importante esse recorte, que me fizeram pensar nesse período de análise temporal até 2010:

- A primeira década do século XXI é fortemente marcada por grandes discussões a respeito de políticas públicas que se referem à inclusão;

---

<sup>11</sup> Mesmo a instituição se caracterizando como escola, desde os anos de 1950, o primeiro registro fotográfico, assim nomeado, é referente aos anos 1960.

<sup>12</sup> Uso a letra “x” para preservar o sigilo do nome da escola.

- Devido a essa nova visão diante dos sujeitos ditos deficientes, no qual o surdo se enquadra perante a perspectiva de inclusão, surge a problemática do possível fechamento das escolas de surdos no Rio Grande do Sul, bem como em diferentes regiões do país, pois julgava-se não haver necessidade em manter tais escolas abertas, pois estariam contra o movimento das escolas inclusivas. Entretanto, as escolas e os movimentos surdos do RS se uniram para que esses espaços se mantivessem abertos e, assim, proporcionassem uma aprendizagem de qualidade para seus alunos;

- Promulgação da Lei nº10.436, de abril de 2002, que oficializa a Língua Brasileira de Sinais, sendo ela a primeira língua das pessoas surdas;

- Baseada na Lei nº10.436, de abril de 2002, instaura-se o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 que, entre outras medidas, torna obrigatório o ensino da Língua Brasileira de Sinais na formação de professores em todos os níveis de Magistério (Ensino Médio, Profissional e Superior)

- Ainda no Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Capítulo III, que é destinado para a formação de professores e intérpretes, encontramos que:

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Logo, no ano de 2006, dá-se início a primeira turma do Curso de Licenciatura Letras/Libras, na modalidade a distância, organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em parceria com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), tendo como um dos polos a Universidade de Santa Maria (UFSM).

Esses acontecimentos, que permearam a primeira década do século XXI, fizeram-me determinar o período a ser analisado, ao menos até o momento de contato com o acervo. Porém, no desenvolvimento da pesquisa, quando estava adensando meus estudos em relação à escola, através de suas fotografias, percebi que o ano referente ao arquivamento de imagens disponibilizadas finaliza no ano de 2005, limitando assim meu período temporal.

Entretanto, essa informação não significa que a partir dessa data os registros fotográficos não foram mais realizados. Em uma das visitas que realizei a instituição,

questionei a direção se havia algum outro lugar com fotografias e foi informado que as fotografias, ao longo dos últimos anos, vêm sendo organizadas em acervos particulares de professoras e familiares. A direção alega que essa nova constituição de acervo particular é uma ação que vem surgindo devido a cada professor ter seu próprio material de registro, nesse caso, a câmera fotográfica que, por vezes, é digital; além do mais, o suporte dessas imagens também vem mudando, pois antes as imagens eram reveladas analogicamente, mas desde os anos de 2005, é cada vez mais recorrente observar as imagens serem arquivadas digitalmente<sup>13</sup>.

Penso que essa mudança analógica *versus* digital não empobrece a riqueza dos registros, apenas os transformam em um novo formato. Desenvolver um estudo que analise tal mudança de suportes fotográficos, de fato, seria algo extremamente importante e prazeroso, porém, não plausível para ser aprofundado neste momento.

Sendo assim, mesmo de maneira breve, e por não ser o foco deste estudo, justifico ser importante mencionar uma das razões que fizeram com que o período temporal de análise desta pesquisa fosse alterado, o que se tornou um elemento importante nas etapas metodológicas. Após explanar minhas impressões gerais sobre o acervo, descrevo, na seção seguinte, os movimentos que realizei para escolher as imagens sobre as quais foquei meu olhar durante esta pesquisa.

### **2.3 Por que estas e não aquelas? Escolhendo imagens, narradores e significados**

Nesta subseção, justifico a seleção das imagens que serviram como base para as análises e, consecutivamente, para estimular as narrativas produzidas por professoras que participaram de diferentes momentos da história da escola pesquisada.

Em um primeiro momento, as escolhas das fotografias basearam-se na ideia inicial desta pesquisa, ou seja, nas práticas pedagógicas. Contudo, no seguimento desse processo, as escolhas das fotografias foram realizadas a partir da recorrência de imagens que davam indícios de ações de disciplinamento e escolarização, mas que, naquele momento, ainda eram vistas com ações pedagógicas.

---

<sup>13</sup> Cabe ressaltar que, atualmente, o registro das atividades da escola vem sendo realizado através do uso dos aparelhos celulares com armazenamento e compartilhamentos imediatos.

Segundo Leite (2001, p.19), “a fotografia é uma redução e um arranjo cultural e ideológico do espaço geográfico, um determinado instante”, dessa forma, ao olhar as imagens, busquei analisar as práticas que nelas estão registradas, de maneira explícita ou não, na tentativa de decodificar como estas relações de práticas foram constituídas neste contexto.

Lembrando que durante o processo de seleção imagética não se descarta que exista uma temporalidade e uma construção cultural presentes nas fotografias, e que, ambos os elementos, contribuem para compreensão deste espaço. Desta maneira, a organização das fotos articulada com a sua classificação é indispensável para que possamos ter um melhor entendimento sobre o objeto a ser pesquisado. Como diz Leite (2001, p.19): “De certa forma, o eixo temporal precisa ser construído pelo pesquisador, através da forma de sequências cronológicas ou culturais, ou, em alguns casos, pela diagramação”.

No decorrer de minhas escolhas, deixei de lado outras tantas fotografias com significados iguais ou diferentes daquelas que eu buscava durante a pesquisa. “Escolher estas e não aquelas” foi uma tarefa que me provocou, uma vez que, ao escolher estudar, analisar e verificar algo se realiza um processo de escolha, ou seja, estabelece-se uma relação de poder diante das fotografias.

Sabe-se que as fotografias ali produzidas têm a possibilidade de proporcionar lembranças e histórias, ainda que elas, por si só, não sustentem verdades do contexto, pois são plausíveis de várias interpretações. Sendo assim, compor o conjunto de fotografias sobre as quais iria empreender as análises de imagens foi um processo que exigiu que eu limitasse meu olhar e, desse modo, realizasse escolhas de algumas imagens e não outras.

Posteriormente a essa seleção de imagens, comecei a organizar a etapa seguinte, que se refere às narrativas que foram produzidas por dois sujeitos, tendo como propósito estabelecer contato com estes profissionais que considero fundamentais para minhas análises, e que também são ou foram de grande influência para a construção desse espaço escolar.

Para esta pesquisa, optei por produzir as narrativas porque o texto fotográfico faz refletir sobre um imagético que pode ser ou não organizado para produzir o que desejamos. De fato, não se deve negar que o registro fotográfico tem o poder de narrar e contextualizar um determinado momento. Por vezes, a fotografia é produzida e utilizada para diferentes fins, pois, em alguns casos, ela poderá

representar um registro possível de lembranças para quem as vivenciou, como também de pistas para se contar suas histórias. Consequentemente, durante meus estudos, ao observar o acervo da escola, bem como seu contexto, tornou-se possível produzir hipóteses de momentos históricos, políticos, educacionais e culturais que emergiram desses registros.

De acordo com Leite (2001, p.16): “acrescenta-se que as imagens precisam ser traduzidas por palavras, tanto para sua análise como para sua comunicação, o que acrescenta à sua polissemia as ambiguidades provocadas pela alteração do código”. A partir da reflexão de Leite (2001), que nos diz que as imagens podem ser traduzidas por palavras, o passo seguinte desta pesquisa refere-se à produção de narrativas de personagens que vivenciaram os diferentes momentos da história da escola e os diversos formatos pedagógicos da Educação de Surdos.

Portanto, as narrativas neste trabalho não constituem o eixo central de discussões ou de análises. Elas foram produzidas para buscar significados que emergiram diante das imagens e, assim, possibilitar um adensamento analítico das fotografias. Além disso, as narrativas não foram produzidas com o objetivo de dizer a verdade sobre a imagem, mas sim contribuir para nos mostrar as distintas formas de subjetividades que estão presentes nas imagens. Por meio das narrativas, não busco revelações ou verdades, mas penso que narrar uma fotografia possibilita problematizar os olhares sobre ela.

As narrativas realizadas tiveram grande importância para o desenvolvimento desta pesquisa, bem como para qualificar este trabalho. No momento que digo “qualificar”, não significa dizer que esta pesquisa tornou-se o melhor texto acadêmico com as narrativas. Dizer “qualificar” remete-me às provocações que me eram proporcionadas pelos sujeitos que, diante das imagens, narraram suas memórias relativas ao que ali estava registrado.

Segundo Andrade (2012, p. 174): “Por meio da narrativa, é possível reconstruir as significações que os sujeitos atribuem ao seu processo de escolarização, pois falam de si, reinventando o passado, ressignificando o presente e o vivido para narrar a si mesmos”.

Penso que a narrativa possibilita, através de relatos, resgatar aquilo que vem à memória dos sujeitos entrevistados; sendo um meio mais autônomo de se realizar uma entrevista, deixando o entrevistado mais livre com a situação.

Em relação à trajetória escolar que está presente nos relatos, Andrade (2012, p. 176) menciona que “as narrativas não constituem o passado em si, mas sim aquilo que os/as informantes continuamente (re) constroem desse passado, como sujeitos dos discursos que lhes permitem significar suas trajetórias escolares de determinados modos”.

Diante disso, as narrativas desta pesquisa vêm a ser um elemento de suma importância, pois conseguem relacionar as construções do espaço educacional, bem como as constituições das subjetividades dos sujeitos, uma vez que, nas narrativas, é possível ver marcas e rastros da escolarização (FISCHAMAN, 2006).

Para realizar a pesquisa, busquei duas pessoas que pudessem ser entrevistadas e, a partir disso, produzir suas narrativas. Porém, esclareço que as narrativas não simbolizam dados fixos diante das imagens, pois cada um dos participantes recordou, subjetivamente, de fatos diferentes diante das fotografias, demonstrando concepções diferenciadas a respeito da imagem.

Segundo Andrade (2012, p.179):

“[...] as narrativas são posicionadas como uma produção cultural, social, política e histórica, e não como um dado fixo, estável, igual a todos os outros ancorados em práticas sociais e culturais que se requerem mais ou menos precisas e iguais.”

A escolha daqueles que iriam me narrar essa constituição não foi uma tarefa fácil. Questionei-me sobre quais pessoas, através de suas narrativas, poderiam contribuir com o adensamento das análises, dando atenção ao que diziam sobre as práticas ali representadas.

Durante as visitas ao acervo, algumas pessoas que circulavam pela escola vieram até mim para saber do que se tratava minha pesquisa e, de forma simplificada, lhes expliquei e também demonstrei meu interesse em realizar uma entrevista com algumas pessoas da escola. Sempre que eu demonstrava esse interesse, elas me indicavam a mesma pessoa (que está sendo identificada aqui como S1), por ela ser uma das pessoas que está neste contexto escolar por mais tempo, e de diferentes formas, primeiramente, como aluna e, posteriormente, como professora.

Ao me aproximar do sujeito S1 e lhe explicar o propósito desta pesquisa, manifestei meu interesse em convidá-la a ser uma das pessoas entrevistadas, a fim de colaborar com este estudo. Diante do convite formal, S1 aceitou narrar suas

memórias diante das fotografias que estavam sendo previamente selecionadas, e também me indicou outro colaborador deste estudo, que será identificado como S2.

A narradora S1 explicou que S2 teve contato com a fundadora da escola, e que ela permaneceu na instituição por aproximadamente trinta anos, podendo ser uma possível narradora a colaborar com minha pesquisa, já que as fotografias selecionadas foram tiradas a partir da década de 1960. Diante da sugestão de S1, estabeleci um contato com S2, via telefone, e a mesma se dispôs a ser narradora e, assim, colaborar com este estudo.

Em relação às narrativas, Alves et al. (2012, p.14) dizem que:

Como o outro, sempre presente, com quem “conversamos”, todo o tempo, criando conhecimentos e significação na pesquisa. Compreendemos que, de uma forma ou outra, elas operam como potência para a produção de práticas teóricas<sup>14</sup> que visem, para além da compreensão, a fabulação sobre o vivido, permitindo, a partir desse processo, a criação de outros possíveis.

Baseado no excerto de Alves et al. (2012), penso que, ao conversar com o outro, foi possível perceber que a imagem cria novos sentidos e se transforma. Sendo assim, as narrativas possibilitaram extrair do papel um relato, trazendo-o para o real, uma vez que, quem vivencia e narra o processo nos faz refletir que uma determinada imagem pertence à experiência de quem nos narra.

Diante disso, foi possível estabelecer uma relação através de narrativas, evidenciando como foram construídas e registradas as práticas de disciplinamento e escolarização em suporte imagético, bem como os significados que colaboram para o entendimento da organização e construção do espaço escolar.

Para Darbon (1998, p. 108), “uma imagem não tem sentido em si, que lhe seja inerente, se o sentido de uma imagem está, sempre, para ser construída por meio do discurso, a imagem, então, é apenas um suporte para o discurso”.

Assim, durante as narrativas, procurei não intervir, para que fosse possível explorar esses discursos, ora com narrativas espontâneas, ora estimulando-as, quando necessário, com o intuito de produzir relatos da construção dos espaços, tempos e histórias desse contexto educativo.

Segundo Schwengber (2012, p. 266):

---

<sup>14</sup> A autora utiliza esta expressão.

Uma imagem não é apenas um conjunto por linhas, cores, luzes ou sombras; não é apenas uma questão de forma, um pensamento plástico; ela existe como um pensamento político, histórico, cultural. Assim, a leitura de uma imagem exige um esforço de reconhecimento que, de alguma forma, depende dos modos de expressão e compreensão de cada época e lugar, ou seja, cada imagem conta a sua história.

Buscando estabelecer significados para as histórias vividas pelas entrevistadas, as narrativas foram produzidas de forma individual, e, no momento de cada uma delas, foram disponibilizadas as 64 (sessenta e quatro) imagens previamente selecionadas por mim.

No momento das entrevistas, com o objetivo de estimular a narrativa, realizei o seguinte questionamento às entrevistadas:

- Ao olhar estas imagens fotográficas, o que elas te instigam, provocam?
- Você lembra-se de algo que deseja compartilhar neste momento?

Logo, baseando-se nestas provocações, as narrativas foram produzidas. Primeiro sujeito (S1) que participou da pesquisa é, atualmente, docente da escola, sendo ex-aluna surda da mesma, também tendo experiências e perspectivas de diferentes ângulos diante da Educação de Surdos nesse ambiente. Essa narrativa ocorreu na própria escola, em uma sala de reuniões, e foi narrada em Língua de Sinais<sup>15</sup>, bem como as minhas intervenções<sup>16</sup>.

As imagens foram disponibilizadas de maneira aleatória em cima de uma mesa, e para que o registro fosse concretizado, sem interrupção, se fez necessária uma câmera filmadora, bem como um ajudante, para que a filmagem transcorresse de forma contínua.

E assim a narrativa iniciou-se. A entrevistada S1 olhou as fotografias e analisou as imagens dinamicamente até escolher aquelas que mais lhe faziam sentido. Por opção de S1, aquelas imagens que mais lhe causavam lembranças eram organizadas em forma de arranjo, ou seja, em alguns momentos eram narradas mais de uma imagem por vez, sendo que a entrevistada as agrupava e abordava o assunto que condizia com as imagens.

---

<sup>15</sup> A tradução e consecutivamente a transcrição da língua de sinais para o português escrito foram realizadas pela pesquisadora.

<sup>16</sup> O registro desta narrativa foi realizado em forma de vídeo; em relação às transcrições de ambas entrevistadas, elas não aparecem de forma integral, pois trago ao texto somente excertos selecionados, de acordo com a demanda das análises fotográficas.

No total, S1 organizou nove agrupamentos com mais de uma fotografia, mas também escolheu imagens em que não realizou agrupamentos, totalizando 19 imagens narradas.

Já com a segunda entrevistada (S2), a entrevista ocorreu em sua casa; para que a narrativa fosse gravada, fiz o uso de um gravador de voz, diferentemente da outra entrevista na qual usei um recurso visual – a câmera. A narradora S2 desempenhou diferentes funções dentro da instituição, tais como: diretora, fonoaudióloga e docente, dedicando-se por 30 anos à escola e, por isso, entendi que ela teria muito a contribuir em relação aos aspectos pedagógicos, históricos e culturais da escola.

Em comparação a primeira narrativa, a segunda transcorreu de forma similar: as fotografias foram dispostas em uma mesa de forma aleatória e a questão norteadora para a realização da narrativa foi provocada pelas mesmas perguntas já descritas.

A entrevistada S2 olhou atentamente todas as imagens e, em alguns momentos, sentiu-se à vontade para narrar lembranças que vão para além das imagens ali colocadas. Em relação às fotografias, das 64 disponíveis, preferiu narrar, de forma individual, 13 fotografias. Com os mesmos cuidados da primeira narrativa, interfeiri o mínimo possível para que as memórias da entrevistada fluíssem de forma espontânea e contínua.

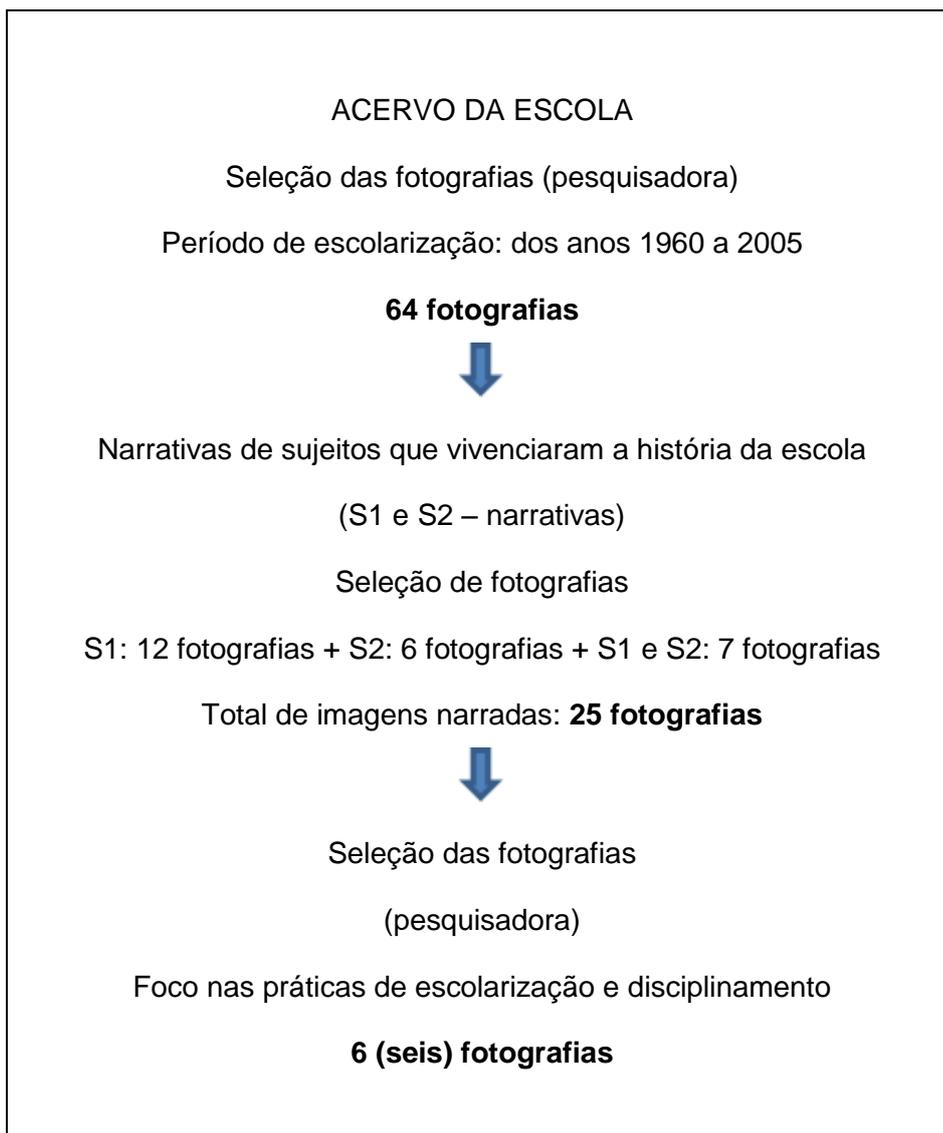
Após finalizar a produção de narrativas, iniciei uma nova etapa metodológica, que veio a ser o processo de análises de imagens e, conseqüentemente, o cruzamento dos dados imagéticos com as narrativas. Para esse momento, comecei um processo de observação das fotografias, com um total de 25 (vinte e cinco) imagens, sendo que, dessas, sete foram narradas por ambas as entrevistadas.

Ao observar as 25 imagens narradas, percebi que, em algumas delas, as práticas de disciplinamento emergiram, fazendo com que eu direcionasse meu olhar para esta temática. Diante das evidências que surgiram, selecionei seis imagens<sup>17</sup> para adensar a análise imagética, bem como as problematizações a respeito das práticas disciplinadoras e de escolarização, registradas em fotografias.

Para uma melhor visualização, organizei um quadro referente ao processo de seleção das imagens analisadas:

---

<sup>17</sup> As demais imagens narradas se encontram na seção de apêndice deste trabalho.



Quadro 1 – Processo de seleção das imagens analisadas  
Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

### 3. CONSTRUÇÃO DA PROBLEMÁTICA E SUAS CONCEPÇÕES

Neste capítulo, pretendo apresentar os teóricos que me auxiliaram na construção da pesquisa, servindo de base para o desenvolvimento da mesma, bem como algumas definições e conceitos que considero importante ressaltar.

Para adensar os estudos, e assim concretizar esta pesquisa, retomo a problemática que permeia a investigação, ou seja, questiono “que práticas de disciplinamento e escolarização foram registradas em fotografias em uma escola de surdos?”.

Baseando-me nesta problematização, trago os autores que deram suporte teórico, com os quais me aproximei de conceitos que serviram de base tanto para constituir os eixos norteadores quanto para realizar as análises.

No percurso metodológico, num primeiro momento, busquei contemplar os objetivos desta pesquisa através da análise do acervo da escola, buscando realizar estudos de campo de forma coesa, para que, assim, fosse possível selecionar as imagens que condiziam com o tema proposto. Os dados desta pesquisa foram produzidos mediante a recorrência de fotografias que eram condizentes com a temática de disciplinamento e escolarização. Tais práticas emergiram durante a coleta de dados, assim sendo plausíveis de pesquisa.

Para uma inserção mais profunda no contexto onde essas imagens foram produzidas, busquei acrescentar, às análises fotográficas, narrativas de sujeitos que ao longo da constituição da escola se fizeram presentes. Desta forma, o desenvolvimento da pesquisa constituiu-se do cruzamento da coleta/seleção de imagens registradas em fotografias com as narrativas produzidas por participantes dessa história ali registrada.

Para que fosse possível prosseguir na investigação, busquei me respaldar de referencial teórico-metodológico, a fim de realizar problematizações pertinentes para que, assim, fosse possível realizar as análises fotográficas, observando as possíveis formas de disciplinamento e escolarização.

### 3.1 Fotografia como um artefato pesquisável

Minha explanação começa defendendo a fotografia como um artefato plausível de pesquisa. Sendo assim, para tal afirmação, trago os referenciais teóricos que me auxiliaram para que fosse possível evidenciar a importância dos registros fotográficos como uma forma de documento, com a finalidade de realizar pesquisas valendo-se desse recurso.

Mauad (2008, p.22) ressalta a importância da fotografia e como ela deve ser considerada quando se faz uso dela na pesquisa:

Deve se considerar a fotografia simultaneamente, como imagem/documento [...] considere-se a fotografia como índice, marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares, nos informam sobre determinados aspectos desse passado – condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho.

A fotografia é um suporte concreto no qual a imagem foi registrada, possibilitando diversas interpretações, sendo que, um dos fatores que irá determinar tal interpretação, será o objetivo do pesquisador que analisa a imagem e o contexto no qual ela foi produzida.

Outros autores, ao enfatizarem o uso das fotografias na pesquisa, mostram suas possibilidades e, como todo objeto a ser pesquisado, suas limitações. Nesse sentido, autores como Cruder e Fischmam (2003, p. 46) falam que “as fotografias não só fornecem evidências, como também documentam, exibem, mostram e escondem significados”.

Diante de meus estudos, refiro-me a fotografia como fonte documental, podendo ser considerada como testemunha de nosso passado, e, por isso, ressalvo a importância deste suporte para a realização de pesquisas.

Segundo Mauad (2008, p.20):

[...] o uso da fotografia como fonte histórica obriga tanto as instituições de guarda quanto os historiadores ao levantamento da cultura histórica, que institui os códigos de representação que homologam as imagens fotográficas no processo continuado de sentido social.

Sendo assim, olhar as imagens fotográficas possibilita diversas e diferentes análises devido à cena que ali foi registrada. Pois, ao realizar uma análise mais coesa, percebe-se que a fotografia é muito mais do que um simples registrar, ela

nos apresenta diferentes utilidades, estando presente em diversos eventos da vida social, sendo-lhe atribuídos sentidos e significados, consolidando-se, assim, uma ação social.

Já em relação ao registro fotográfico no espaço escolar, Possamai (2015, p. 131) vai dizer que: “No Brasil, no escopo educacional, documentar foi uma das principais funções atribuídas às fotografias, seja apela produção de imagens da edificação escolar, das turmas de escola ou dos professores”.

Como visto anteriormente, o objetivo primário da fotografia foi o de documentar. Nos espaços escolares, esse objetivo persiste, porém, sabe-se que utilizar deste recurso possibilita diversas ações perante a sociedade.

O registro imagético no ambiente escolar vem surgindo como uma possibilidade de pesquisa, sendo assim, é uma maneira de observar o que circula e constitui esse ambiente. Diante disso, evidencio a relevância deste suporte para minha pesquisa, portanto, me detive em estudar autores que argumentam que através das imagens é possível conhecer as nuances do espaço escolar.

Os registros imagéticos no/do espaço escolar permitem visualizar práticas que, ao longo dos tempos, foram realizadas e registradas neste espaço e que estão intimamente relacionadas com o currículo que se exerce na escola, sendo que as imagens são capazes de fornecer indícios das propostas curriculares que constituíram esse ambiente.

Segundo Adriene Adão (2011, p.7):

Pois, investigar o cotidiano escolar com suas aspirações, ambições e desejos, é, de certo modo, eleger o cotidiano como fonte fundamental para a investigação e interpretação das práticas escolares. Logo, o estudo do cotidiano escolar ganha relevância para o entendimento da vida nas escolas, principalmente porque é visto como um cenário de oposições e complexidades nem sempre redutível à ideia de contradição encarnados na escola, de conhecimento que educadores e educandos expõem de práticas educativas por meio dos desacordos que promovem, e da autonomia que pretendem, mas, sobretudo, porque o estudo do cotidiano traduz-se em uma renovada possibilidade de investigação das práticas pedagógicas e dos sujeitos da educação.

Entretanto, há diversas possibilidades de realizar esse estudo, então direciono meu olhar para os registros fotográficos que compõem o acervo da instituição escolhida nesta pesquisa, ao longo das seis décadas de sua história.

Segundo Fischman (2006, p.84):

[...] usar fotos escolares como analizadores permite preguntarse no solo por la información, sentido y tensión esculturales que atraviesan las instituciones, sino también implica reconocerla presencia de la ambigüedad que es parte de la cotidianidad escolar, en vez de descartarla, ocultándola bajo la alfombra de la investigación educativa<sup>18</sup>.

Essas problematizações são de grande relevância, pois a fotografia possibilita investigar ações do cotidiano escolar que, por vezes, não são possíveis de serem registradas de forma descritiva (texto); nesse caso, tanto o professor como o pesquisador poderão rever as práticas ali registradas e, a partir delas, desenvolver um estudo mais aprofundado, objetivando aquilo que desejam.

Devido a esse e outros tantos motivos, julgo importante fotografar o ambiente escolar para que se tenha não somente um documento físico, mas, sim, uma problematização a partir dele, ou seja, pra utilizar a imagem com uma ferramenta crítica-analítica das práticas que ali se produzem.

Ainda, escrever sobre os possíveis olhares que podiam ocorrer ao analisar uma fotografia me instigava, provocando-me, em um primeiro momento, a compreender que, nas imagens, existia “algo embaixo do tapete”, mas, no decorrer dos estudos, percebi que nada está debaixo do tapete, pois através das imagens é possível perceber as evidências que estão enunciadas no contexto fotográfico.

Sendo assim, ao adensar os estudos, essa metáfora imagética se rompe e o currículo oculto permanece sendo visível nas imagens, nos modos de ser e agir, nas ações cotidianas presentes na escola, que não estão previstas no currículo tradicional. Para poder compreender como é constituído o currículo oculto e suas problematizações, busquei em Silva (2015, p.78) reflexões sobre tal temática, na qual o autor diz que:

Currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes. Precisamos especificar melhor, pois, quais e são estes *aspectos* e quais são essas *aprendizagens*. Em outras palavras precisamos saber “o que” se aprende no currículo oculto e através de quais “meios”. Para a perspectiva crítica, o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações que permitem que crianças e jovens se ajustem da forma mais conveniente às estruturas e às faltas de funcionamento, consideradas injustas e anti-democrática portanto,

---

<sup>18</sup> “[...] usar imagens escolares para análise levanta questões não só para a informação, o significado e as tensões culturais que atravessam as instituições, mas também envolve reconhecer a presença de ambigüidade que faz parte da vida diária da escola, em vez de descartá-lo, escondê-lo debaixo do tapete pesquisa educacional”. Tradução por mim realizada, para esta dissertação.

indesejáveis da sociedade Entre outras coisas, o currículo oculto ensina, em geral, o conformismo, a obediência, o individualismo.

Em uma elucidação mais literal, ao lermos “currículo oculto” de forma rápida e dinâmica, essas duas palavras nos remetem a pensar, por vezes, de forma equivocada, que este currículo é algo que alguém, metaforicamente, pegou e escondeu.

Entretanto, ao se ter a perspectiva das concepções curriculares, percebe-se que o chamado currículo oculto é algo presente no cotidiano escolar, mas devido às relações de poder existentes nesse espaço, encontra-se à margem dos demais saberes. Saberes esses que a escola insiste em institucionalizar, assim, os estabelecendo como válidos.

Tais questionamentos instigam as possibilidades de novas reflexões e, consecutivamente, verificam as potencialidades que os registros fotográficos proporcionam para a pesquisa na educação com um viés direcionado ao campo curricular, bem como suas análises e interpretações permitem realizar outros desdobramentos acerca do que está sendo investigado.

Para contribuir com as reflexões acerca do currículo que vive/circula na escola, mas que reside nas entrelinhas desse espaço, trago os escritos de Adriene Adão (2011, p. 14), que nos diz:

O currículo é praticado, é visto como ação. Por isso, assume, em determinados contextos, formas invisíveis de processos e modos criativos, por meio da ação real e das práticas curriculares dos atores do cotidiano. Nesse viés, as atividades cotidianas misturam-se as propostas formais do currículo e a dimensão política do regime curricular. Isso significa dizer que os atores do cotidiano tecem em suas redes, formas, processos e modos de regulação, propostas realistas e adequadas às possibilidades de emancipação.

Diante disso, surge a pedagogia da imagem, que oportuniza realizarmos uma reflexão do cotidiano escolar, mostrando-nos ações, modos, maneiras de ser e de constituir o ambiente educacional.

Em relação à pedagogia da imagem, Berino (2009, p. 103) informa que ela “propicia uma análise das visualidades dos praticantes no cotidiano escolar”, proporcionando um olhar sobre as práticas que a escola exerce.

Ainda sobre essa perspectiva, Adão (2011, p.11-12) faz uma reflexão sobre a pedagogia da imagem, dizendo que:

[...] a pedagogia da imagem é aqui entendida como o espaço da produção das visibilidades, das práticas do olhar, do campo social em que, por meio das trocas de conhecimento exhibe-se as aproximações e transgressões vivenciadas pelos praticantes do cotidiano. Ou seja, a pedagogia da imagem possibilita uma reflexão sobre a realidade, enfatizando que a imagem não é apenas vista, mas também lida.

Baseado nesses excertos pode-se dizer que a pedagogia da imagem possibilita “aproximações e transgressões” que são vivenciadas cotidianamente através de um currículo existente, porém pouco visível. Ao pensarmos sobre os dados que compõem esse currículo, Silva (2015) menciona cinco elementos que constituem essa ação curricular: as relações sociais da escola, a organização do espaço escolar, controle do tempo, divisões e categorias nesse espaço.

A partir dos autores citados anteriormente, verifica-se que há uma potencialidade de as fotografias serem investigadas na área da Educação. Os significados de cada uma delas são únicos e subjetivos, mas cabe ao pesquisador saber extrair sentidos, de maneira coesa, fazendo o uso de metodologias que consigam suprir as suas expectativas na investigação.

### **3.2. Uma análise interpretativa da imagem**

No decorrer deste estudo, um dos momentos que mais me angustiaram durante a escrita, foi a escolha e aplicação do processo metodológico que eu viria a desenvolver. As etapas desta pesquisa foram pensadas e desenvolvidas de forma que pudessem contemplar os objetivos deste estudo e, assim, qualificar o mesmo.

No campo metodológico, há diversos autores que desenvolvem metodologias que têm como foco a fotografia, bem como suas análises. Para esta dissertação faço uso do teórico Ralf Bohnsack (2007) e sua metodologia conhecida como método de interpretação de imagens. Penso que os escritos deste autor se aproximam a este estudo, respondendo aos objetivos propostos na pesquisa.

Bohnsack (2007) é minucioso ao descrever as imagens que deseja estudar, entretanto, nesta pesquisa, não busquei ser tão detalhista como o autor, mas penso que o seu método contribuiu para que eu pudesse compreender como a fotografia é constituída e, desse modo, analisar as imagens contemplando a temática de práticas de disciplinamento e escolarização no contexto surdo.

Ainda nesse processo metodológico, quando necessário, faço o uso de outros autores, mais precisamente Vinicius Liebel (2011), que tem como subsídio os escritos de Bohnsack. Ao aprofundar-me nas teorias de Liebel, que também utiliza o método de interpretação de Bohnsack, percebi que há algumas mudanças de nomenclatura em relação às três fases que pertencem a essa metodologia; ainda percebo, nas palavras de Liebel (2011), que o mesmo enfatiza a importância de refletirmos sobre as imagens, pois nelas há representações de ações sociais, culturais e a reconstrução de possíveis sentidos de uma imagem. Diante disso, trago as palavras do autor:

Ao se caracterizar a imagem como reflexão e como produtora da realidade social, mas também a entendendo como um sistema particular que encerra signos e significados em si mesmo, abre-se caminho para a decomposição da imagem, isto é, para a reconstrução de seus variados sentidos. (LIEBEL, 2011, p.173)

Assim, penso que ambos os autores servem de subsídios para a realização do exercício de análise que proponho nesta pesquisa. Conseqüentemente, ao ler os escritos de Bohnsack (2007), é possível perceber que o autor é influenciado por outros autores renomados que lhe dão suporte para o adensamento do método. Para suas discussões e reflexões, o autor busca as contribuições de Panofsky e Imdahl, em seu texto *A interpretação de imagens e o Método Documentário* (2007, p.298). Ainda, Ralf Bohnsack diz que através da perspectiva de Roland Barthes não é possível a aplicabilidade do método de interpretação de imagens; já os autores citados anteriormente contribuem para o desenvolvimento dessa metodologia. A respeito disso, Bohnsack (2007, p.298) esclarece:

Já o desenvolvimento de um método de interpretação de imagens – a partir de Panofsky e Imdahl –, parece-nos possível, embora exista a necessidade de algumas precisões metodológicas, particularmente no que diz respeito ao colocar entre parênteses o sentido conotativo ou iconográfico, o conhecimento verbal ou textual adquirido previamente. Essas precisões metodológicas são de fundamental importância, sobretudo no processo de interpretação de imagens no campo das Ciências Sociais e da Educação, uma vez que a iconografia não é apresentada de forma codificada, como acontece, por exemplo, na história da arte cujas imagens remetem, em muitos casos, a textos religiosos oriundos da Bíblia.

O autor preocupa-se em refletir sobre uma qualidade fundamentada em respeito ao método de interpretação de imagens, bem como as possibilidades de desenvolver um método que considera as particularidades da imagem em

contraposição ao texto. Tal método foi originado no campo das Ciências Sociais, e é nessa área do conhecimento que as discussões sobre as melhores maneiras de aplicabilidade do método são fomentadas, porém, essa metodologia vem sendo usada em outros campos de saber, entre eles, na Educação.

O método interpretativo de imagem, do qual fiz uso para realizar meus estudos sobre práticas de disciplinamento e escolarização no contexto educacional surdo, consiste em três etapas, que apliquei em cada fotografia presente nesta dissertação. As etapas seguem o nível de conhecimento explícito ou implícito que podemos dar a imagem, o que está ligado diretamente ao nível das teorias do senso comum, que se configura pela distinção de iconografia e iconologia.

A primeira fase que deve ser realizada ao se fazer uso do método interpretativo, denomina-se pré-iconográfica, na qual se questiona diante da imagem: *o quê?* Neste momento, deve-se dizer o que tem na imagem, observando a análise da estrutura formal que a compõe, ou seja: a panimetria na imagem; coreografia cênica, que corresponde ao local onde ocorreu a cena social; e, projeção de perspectiva, que diz respeito aos objetos que estão presentes na imagem.

Nessa primeira fase, busquei realizar um olhar mais básico de entendimento, ao visualizar a imagem de forma natural, realizando uma análise descritiva da mesma. Sendo assim, para o desenvolvimento desta fase, descrevem-se denotativamente os elementos que compõem a fotografia.

Como dito anteriormente, nesse momento de minhas análises, julguei desnecessário realizar uma descrição detalhista da imagem, procurando contemplar os elementos cênicos que penso serem importantes para a abordagem da temática que desenvolvi neste estudo.

Já a segunda fase iconográfica é relacionada ao senso comum que se estabelece diante da imagem, o questionamento diante da imagem também é: *o quê?* Nessa segunda fase, busquei perceber como a imagem se constituiu. Para esse momento foi necessário um conhecimento básico de interpretação para realizar a análise, e sobre esse processo Liebel (2011, p.174) esclarece que: “o segundo passo, a análise iconográfica, é constituído de uma interpretação de ações e gestos que se passam na imagem de modo a encontrar um sentido geral para eles, a apreensão de sua natureza de acordo com o senso comum”.

Sendo assim, nessa fase intermediária de análise, descrevem-se ações sociais registradas na imagem, então, nesse momento, o senso comum é o que se

encontra na fotografia, isto é, olhar a imagem e extrair dela elementos e ações para, assim, reconstruí-la de maneira mais formal.

Em relação à terceira fase, denominada iconológica, Bohnsack (2007, p.291) argumenta que “a análise iconológica em contraposição à iconográfica, caracteriza-se pela ‘ruptura com o senso comum’”. Sendo assim, o questionamento diante da imagem não está mais relacionado com as ações, mas sim em *como* a imagem é constituída.

Vinicius Liebel também faz uso da teoria de Panofsky e, baseado neste autor, Liebel (2011) diz que:

O último passo na análise clássica de Panofsky – a Iconologia, ou seja, a interpretação da imagem através do estudo de sua singularidade como fonte histórica e social é parte da interpretação. Esse passo compreenderá a caracterização de elementos determinantes no reconhecimento de elementos coletivos, como um país, uma época ou uma classe, bem como de religiões, ideologias e filosofias.

Diante disso, nessa última fase, considera-se o contexto interpretativo da imagem, e, como Bohnsack (2007, p. 290) diz: “trata-se de uma mudança na formulação da pergunta, ou seja, ao invés de questionar o *que* são fenômenos ou fatos sociais, o pesquisador deve dirigir suas atenções para compreensão de *como* estes são constituídos”. Então, nesse momento, necessitei realizar questionamentos mais elevados em relação às reflexões sobre o cultural, o social e a história. Durante essa fase, procurei contextualizar a imagem, buscando relações que ampliassem o significado básico já descrito na fase anterior.

Ainda, Bohnsack (2010, p. 130) diz que: “também na análise de imagens regida pelo princípio das estruturas simultâneas é necessário realizar esse trabalho de comparação com outros horizontes”, logo, baseando-me nesta teoria, na etapa conclusiva deste trabalho, realizo uma análise comparativa entre as imagens. Sendo assim, posteriormente a análise individual de cada fotografia, realizei um estudo comparativo entre as imagens, potencializando aspectos em comum entre elas.

Diante das teorias e reflexões traçadas nesse momento metodológico da pesquisa, busquei consolidar as possibilidades de se utilizar fotografias na área da pesquisa educacional, para que nelas visualizasse indícios de práticas de disciplinamento e escolarização registradas naquele espaço.

### 3.3 Disciplinar: práticas registradas em imagens

Para realizar meu estudo analítico em relação às fotografias presentes no contexto educacional surdo, delimito meu tema de pesquisa, tendo como principal enfoque as práticas de disciplinamento que naquele espaço de escolarização foram registrados em fotografias.

Para a sociedade moderna, a escola é a redentora dos saberes, sendo lugar que determina o que é necessário para os educandos e, assim, os institucionalizando, tornando-os aparentemente legítimos.

Em meio a novas concepções, foi constituído o processo de escolarização, que vem a ser um espaço físico determinado e organizado para que as crianças sejam reunidas. Então, esse espaço se constituiu a partir de métodos disciplinares, e assim se manteve na atualidade.

Sabe-se que há diferentes espaços de disseminação do saber, bem como distintas formas do mesmo acontecer, entretanto, a sociedade moderna delimitou que seria através da instituição escolar que ele seria aprimorado e compartilhado com os sujeitos.

O processo de escolarização institucionalizou o espaço que hoje conhecemos como escola; esta emergiu de uma demanda da sociedade que precisava determinar qual ocupação daqueles pequenos corpos que estavam no período da infância – conceito também inventado na modernidade<sup>19</sup>.

Para aprofundar os estudos, busquei em Michel Foucault e em seus estudiosos aporte teórico para poder conceituar este eixo norteador das análises. Porém, antes de adensar os estudos em relação ao conceito de disciplina, se faz necessário saber onde é exercida esta disciplina, isto é, como ela é exercida nos corpos que ocupam diferentes espaços da sociedade.

Esses corpos, por sua vez, são doutrinados, tornam-se assim corpos dóceis, plausível de disciplinamento. Segundo Foucault (1989, p. 126):

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. Os famosos autômatos, por seu lado, não

---

<sup>19</sup> Segundo Varela e Alvarez Uria (1991, p. 15): “Al igual que la escuela el niño, tal como lo percibimos actualmente, no es eterno ni natural, es una institución social de aparición reciente ligada a prácticas familiares, modos de educación y, consecuentemente, a clases sociales.”

eram apenas uma maneira de ilustrar o organismo; eram também bonecos políticos, modelos reduzidos de poder [...] (FOUCAULT, 1989, p. 126).

A ideia de um corpo dócil está vinculada ao corpo inteligível, propício à dominação e facilmente manipulado; então, ao aplicar as técnicas de disciplinamento, surge a tentativa de torná-lo mais útil à sociedade.

Sendo assim, quando o sujeito adentra no processo de escolarização, ele fica vulnerável a tornar-se um corpo dócil, suscetível a práticas de disciplinamento, a fim de contribuir para a sociedade. Nesse sujeito, essas práticas são aplicadas, a fim de permitir “o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 1989, p.126).

Com esse controle perante os corpos, “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 1989, p.127).

No ambiente escolar é possível ver que o processo de disciplinamento só existe porque o corpo foi “docilizado”. A escola tem o intuito de apropriar-se do corpo da criança e torná-lo um objeto de manipulação e condicionamento. A mesma, também tem como objetivo a escolarização de seus educandos, assim possibilitando que o corpo de seu aluno fique dócil para que consiga absorver os ensinamentos que a escola institucionaliza como legítimos. Segundo Araújo (2012, p.28), “o sujeito também é constituído por *práticas disciplinares*”. Sendo assim, tais práticas permitam que o sujeito se constitua como uma peça que engendra a sociedade.

Segundo Foucault (1989, p. 130), “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Para isso utiliza diversas técnicas.” Os modos de disciplinar ocorrem em diferentes espaços e de diferentes formas na sociedade, sendo um desses espaços a escola<sup>20</sup>. O filósofo diz que:

Colégios: o modelo do convento se impõe pouco a pouco; o internato aparece como o regime de educação senão mais frequente, pelo menos o mais perfeito; torna-se obrigatório em Louis-le-Grande quando, depois dos jesuítas, faz-se um colégio-modelo. (FOUCAULT, 1989, p.130)

---

<sup>20</sup> Para esta dissertação, interessa-me olhar os processos de disciplinamento que são emergentes do espaço escolar.

Percebe-se que há séculos o ambiente escolar se faz presente na sociedade, por vezes sendo visto como um espaço heterogêneo, ideal, “o mais perfeito”. Ainda, na escola é necessária toda uma organização física do espaço, que não serve apenas para vigiar os sujeitos presentes, mas sim para tornar-se um espaço útil para sociedade.

A escola surge como um local no qual os corpos que, aparentemente, sem utilidade seriam alocados para assim serem educados, desta maneira, mantendo a ordem da sociedade. Para Foucault, a educação seria um “conjunto de dispositivos e estratégias capazes de subjetivar, ou seja, construir / fabricar sujeitos” (GALLO; VEIGA–NETO, 2012. p.19).

Para acomodar esses sujeitos, pensou-se na organização de um espaço arquitetônico – as instituições disciplinares –, o qual dá funcionalidade ao lugar. A escola é fisicamente organizada, tendo em sua arquitetura uma distribuição de corpos dispostos em cada espaço, pois para se manter a ordem é necessário “distribuir e dividir o espaço com rigor”. (FOUCAULT, 1989, p. 132).

Ainda, articulando a disciplina e o espaço em relação ao indivíduo, Foucault (1979, p.106) diz que: “a disciplina é, antes de tudo, a análise do estado. É a individualização pelo espaço, a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório.” Sendo assim, a organização da escolarização demanda tempo e espaço, o arranjo dos corpos se faz presente, sendo também um modo de disciplinar.

Diante disso, observa-se que na disciplina escolar, além do espaço físico organizado, cada um ocupa um lugar nesse espaço. Organizar o lugar ocupado é uma técnica que condiz com a série, a posição e a classificação do indivíduo, devido à disponibilidade desse corpo. Foucault (1989, p.133) diz que: “A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações”.

Na escola, esse espaço é organizado em classes; durante o período de escolarização, o sujeito é condicionado, sendo assim:

A organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. (...) Determinando lugares individuais, tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço

escolar como uma máquina de ensinar, mas de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. (FOUCAULT, 1989, p.134)

Diante disso, faz-se necessário disciplinar esses espaços, organizando, agrupando, seriando os indivíduos na ordem escolar. Para que se tenha sucesso na organização do espaço, também se otimiza o tempo, que é controlado para a eficácia da atividade.

O tempo aqui é relacionado com o horário, esse que é cronometrado e serve para regular, logo, na escola, ele é visto como uma técnica disciplinar. Ainda, deve-se controlar fatores externos para garantir a qualidade do tempo e assim evitarem-se perturbar ou distrair, construindo um tempo integralmente útil (FOUCAULT, 1989).

O tempo é controlador das atividades prescritas para serem realizadas, sendo um “ritmo coletivo e obrigatório” (FOUCAULT, 1989, p.138), ou seja, uma forma de controlar os atos. Dessa forma, a elaboração temporal dos atos impõe uma relação de atos com duração a serem desenvolvidos. No espaço escolar, o tempo é controlado, é programa para que os gestos sejam desenvolvidos da maneira mais eficiente possível.

Disciplinar um corpo não se limita em ensiná-lo ou impor gestos previamente definidos; disciplinar é tornar esse corpo útil, fazendo bom uso do espaço e do tempo. Para Foucault (1989, p.138):

Um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo. Uma boa caligrafia, por exemplo, supõe uma ginástica – uma rotina cujo rigoroso código abrange o corpo por inteiro, da ponta do pé à extremidade do indicador.

Percebe-se que disciplinar vai além de impor ensinamentos, sendo assim, o disciplinamento exige que o corpo estabeleça uma relação do ato com toda atitude global do corpo, a fim de que o gesto torne-se o mais eficiente e o corpo disciplinado, pois “um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente.” (FOUCAULT, 1989, p. 139).

Para tal eficiência e aprimoramento dos corpos, deve-se ter uma boa relação com o objeto que se manipula. Essa relação acontece em duas séries paralelas, na qual a primeira está relacionada aos elementos do corpo (partes do corpo), e a segunda condiz com os objetos que se manipula (o objeto que será usado na ação), assim “constitui um complexo corpo-arma, corpo-instrumento, corpo-máquina”

(FOUCAULT, 1989, p.139). Dessa forma, podemos perceber que a articulação corpo-objeto, objetiva, ao articular ambos, realizar manobras, ou seja, gestos simples para a construção da operação.

A disciplina que é exercida sobre os corpos, bem como os dispositivos utilizados, contribuem no processo de subjetivação desse sujeito manipulável e, por consequência, dócil. Veiga-Neto (2000, p.11) argumenta que:

[...] as disciplinas – articuladas em seus dois eixos inseparáveis: o eixo do corpo e o eixo dos saberes – funcionam com uma matriz de fundo, na qual cada um de nós assume como naturais os muros a que somos submetidos como sujeitos modernos; por isso, as disciplinas estão envolvidas também com os processos de subjetivação.

Essas construções, geralmente são estabelecidas entre o mestre, aquele que impõe os disciplinamentos e conduz a tropa, e os educandos. Disciplinar está para além das práticas físicas que nesses espaços são estabelecidas, e, desse modo, as ações disciplinadoras que são produzidas com os educandos influenciam diretamente a produção de subjetividades exercidas nos mesmos. Sendo assim, na escolarização, a disciplina é um prática necessária para a produção com os corpos e nos corpos.

Aproximando essas discussões do tema desta dissertação, problematizo os distintos modos de disciplinamento e diversos dispositivos que foram exercidos nos corpos surdos durante seu processo de escolarização, entendendo que tais disciplinamentos refletem na produção de subjetividades que a escola se propôs a construir.

#### **4. DISCIPLINAMENTO E ESCOLARIZAÇÃO: SUAS EVIDÊNCIAS REGISTRADAS EM FOTOGRAFIAS**

Neste capítulo, apresento as análises e problematizações realizadas a partir das imagens registradas em fotografias e também das narrativas produzidas ao longo desta pesquisa. Sem dúvidas, esse foi o momento mais denso, exigindo muito fôlego para realizar aprofundamentos teórico-metodológicos.

Manusear as fotografias, tendo em vista um foco estabelecido a partir dos objetivos da pesquisa, exigiu uma imensa dedicação, pois a imagem impressa na fotografia é plausível de diferentes interpretações, tanto para mim, pesquisadora, que busco sentidos e significados, como para aqueles que as viram e as narraram em suas particularidades.

Ver imagens possibilita experienciar novamente acontecimentos do passado através da memória, e, assim, (re) lembrar fatos significativos que constituíram uma história de si e daqueles que ali foram registrados através da imagem.

Segundo Rangel (2005, p.74):

A fotografia é uma das possibilidades de apresentarmos diferentes maneiras de olhar para o mundo. Ela é um momento de seleção que se materializa uma visão sobre as coisas, colocando na imagem não só o enquadramento escolhido, porém toda a cultura, os valores e os sentimentos.

Sob essa lógica, percebi a importância de estudar o acervo escolar como um todo, para que, assim, posteriormente, pudesse ser dele extraído o que eu desejava pesquisar. Somente a partir deste primeiro mapeamento foi possível realizar as narrativas com aqueles sujeitos que dariam novos significados às análises.

Lembro que as narrativas foram produzidas individualmente, sendo que algumas fotografias foram narradas por ambas entrevistadas, enquanto que outras foram selecionadas somente por uma delas.

Diante das imagens narradas, selecionei seis fotografias que estabeleceram uma relação mais direta com o tema da pesquisa. Para uma melhor dinâmica, procurei estabelecer relações entre as imagens e as unidades analíticas que contemplam a temática do disciplinamento e escolarização, pois as unidades analíticas emergiram das recorrências de imagens selecionadas, cujas narrativas produzidas ajudaram a adensar as temáticas de disciplinamento e escolarização que

foram organizadas nas seguintes unidades: a. a oralização e suas distintas práticas de disciplinamento; b. dispositivos mecânicos para reabilitar o corpo; c. ofícios de disciplinamentos; d. desporto como uma forma de disciplinar; e, e. disciplinamentos sinalizados.

Antes de iniciar o processo analítico das fotografias, trago a narrativa de umas das participantes que, ao olhar para as 64 imagens disponibilizadas, produziu a narrativa a seguir, tendo uma fotografia como estímulo, mas não se restringindo a ela:

*A Dona X1<sup>21</sup>... ela também ensinava; dona X2, a mim me parece que todos participavam no processo de ensino, porque, na merenda, no recreio, todos eram muito presentes na vida das crianças, da família e ..., de certa forma, foi o que fez a escola: As pessoas que trabalhavam na escola. Porque digamos assim... a faxineira, a pessoa encarregada da limpeza era serviçal da Dona X1, cada um de nós que tinha algum parente que trabalha em alguma área que poderia servir de algo para a vida daquela criança era chamado, ainda que fosse por algumas horas, por alguns dias, acolhida, se fazia presente; e os serviçais também... a cozinheira, como eu vou te dizer (...) todos os professores estavam engajados no mesmo projeto de ajudar ao máximo que pudesse as crianças. (Narrativa S2<sup>22</sup>)*

Meu objetivo não é realizar uma análise isolada das narrativas, mas penso ser interessante trazer esse relato geral diante das fotografias, pois é possível perceber o que as imagens provocaram na narradora, bem como um breve panorama de como essa instituição foi se organizando num primeiro momento. E, diante deste acervo, ressalto as evidências de práticas assistencialistas e de benevolência que se fizeram presentes no início da instituição, tanto pela ligação com uma organização histórica de assistência – a Cruz Vermelha, quanto pela recorrência de projetos de cuidado aos considerados anormais pela sociedade.

A seguir, apresento as fotografias sobre as quais realizei um processo analítico de interpretação de imagens, estabelecendo um cruzamento com as narrativas produzidas nas entrevistas e que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

<sup>21</sup> Faço uso da letra “X” para preservar a identidade das pessoas citadas.

<sup>22</sup> Para uma melhor organização, irei identificar a primeira entrevistada com S1, e a segunda como S2.

#### 4.1. A oralização e suas distintas práticas de disciplinamento

Nesta primeira unidade analítica, trago as imagens<sup>23</sup> que evidenciam a prática de disciplinamento no contexto educacional surdo, sendo, uma delas, a prática de oralização.



Figura 1 - Fotografia da escola I  
Fonte: Acervo da escola, década de 80.

A partir de agora, farei uso do método interpretativo de imagens, sendo assim, a descrição imagética a seguir refere-se à primeira fase do método, isto é, a fase pré-iconográfica. Ao interpretar a Figura 1, percebe-se que ela é composta por nove figuras humanas; destas, oito estão sentadas em cadeiras, em frente de cada uma há uma mesa; estas oito mesas estão organizadas em semicírculo. Ainda, das oito pessoas que pertencem ao semicírculo, quatro aparecem de perfil, sendo duas sentadas à direita e duas à esquerda; já ao fundo, horizontalmente, aparecem as outras quatro pessoas.

Em cada mesa, há um objeto de uso individual de formato retangular na cor cinza, com botões e que se interliga através de um fio a um segundo objeto na cor preta, o qual se encontra na parte superior da cabeça, chegando aos ouvidos destas pessoas. Realizando um olhar mais atento, verifico que as bocas de alguns sujeitos da imagem encontram-se abertas ou semiabertas.

<sup>23</sup> Percebe-se que em algumas fotografias o rosto de algumas pessoas foram ocultados com o objetivo de não serem identificadas, pois as mesmas ainda tem vínculo e/ou pertencem a comunidade escolar.

Pelo ângulo no qual a fotografia foi realizada, em primeiro plano há mais uma figura humana sentada de costas para o fotógrafo e de frente para os demais. Esta pessoa compõe o semicírculo, mas está ligeiramente afastada; a mesma segura um objeto; sugere-se, pela cor branca e forma retangular, que sejam papéis em sua mão; parece que esta é a figura central da imagem, pois os demais estão atentamente olhando para ela.

Em relação aos demais objetos que estão presentes na imagem, ao fundo, atrás das quatro pessoas sentadas, percebe-se que há um móvel sobre o qual há objetos empilhados. Ainda, é possível perceber que a imagem foi realizada em um ambiente fechado devido às duas paredes visíveis na imagem, as quais se encontram sem cartazes ou informações coladas nas mesmas.

Partindo para a segunda fase de análise, a iconográfica, ao observar a imagem, rapidamente ela direciona nosso pensamento para um ambiente escolar. Isto acontece pela organização física do espaço, no qual as pessoas, que nesta fase passam a ser supostos alunos, encontram-se sentados levemente apoiados sobre as mesas/ classes, sendo que nas paredes da sala, visíveis na imagem, não há nenhum recurso visual ou cartaz ilustrativo e/ou informativo.

No que diz respeito às características físicas destes alunos, percebemos que é uma turma mista em relação ao gênero e a idade, pois é possível perceber a presença de meninos e meninas, e também a diferença de idades entre eles. Ainda, é possível verificar que todos os alunos olham atentamente para a figura central humana que, devido à disponibilidade de seu corpo, sugere-se ser a professora, pois nesta fotografia espontânea ela está de frente para os alunos e de costas para a câmera, uma posição característica de um momento de sala de aula.

Em relação à abertura da boca, verificada em relação a todos os alunos, acredita-se ser alguma atividade em que se exigia utilizar as articulações da boca, ou seja, uma expressão oral, sendo esta, em alguns períodos históricos da educação de surdos, uma prática recorrente.

A terceira fase desta análise consiste em verificar como esta imagem se constituiu, trazendo as discussões mais profundas e problematizações sobre a prática de disciplinamento que visivelmente está registrada. Esta imagem foi construída em uma escola de surdos, em um período no qual, durante o processo de escolarização destes sujeitos, havia práticas de disciplinamento, caracterizadas pelos exercícios de oralização.

Os aparelhos dispostos para cada aluno, que estão sobre as mesas com uma extensão até seus corpos, mais precisamente até a cabeça, têm formato característico de fones de ouvido. Esses eram conhecidos como loptes auditivos, e tinham a função de anular e/ou neutralizar qualquer possível interferência externa sonora.

Ao usar esses “fones de ouvidos”, como também eram conhecidos, acreditava-se qualificar o ensino/aprendizagem no processo de oralização, uma prática comum nas escolas de educação de surdo. Essa prática de oralização tornou-se recorrente, pois a escola de surdos foi constituída seguindo os parâmetros da escola especial que visava recuperar os corpos mais desfavorecidos a fim de reabilitá-los (LUNARDI, 2003).

Em relação a essa prática de disciplinar este corpo, tornando-o mais comunicável, uma das entrevistadas diz:

*Fono na sala de aula era disciplina de estimulação da linguagem. Estimulação da linguagem era ensinar a falar, fazer frases: “eu vou banheiro”. No lugar da sala de aula era estimulação da linguagem, ensinava a fazer frases, para os maiores, já os menores era específico o atendimento com a fonoaudióloga, aprendia a falar as letras, som por som, na aula de estimulação da linguagem já era completo... frases, textos e músicas: gato, atirar, pau... antes sabia oralizar tudo, agora já esqueci. (Narrativa S1)*

Em relação à outra narrativa, a entrevistada diz que:

*Aqui são eles, olha... A1, A2 ... Aqui sou eu! Eu com certeza estou aqui tentando fazer com que eles falem. Aqui era uma sala onde estavam instalados esses aparelhos. (Narrativa S2).*

A primeira narrativa deixa evidente que o momento dessa prática de disciplinamento, através da oralização, refere-se a uma aula de uma disciplina curricular regular denominada Estimulação da Linguagem, da qual todos os alunos da escola participavam.

Já na segunda narrativa, é possível perceber o objetivo das aulas, que era desenvolver a fala do sujeito surdo, e, para isso, havia uma organização do ambiente físico: uma sala na qual estavam dispostos recursos mecânicos - os aparelhos – que auxiliavam nesse processo de reabilitação e disciplinamento. Ainda,

S2 informa que a professora fonoaudióloga, que se encontrava sentada e de costas na imagem, era ela própria.

Percebe-se que, naquele momento de escolarização, os dispositivos de correção configuravam-se como um componente curricular que a escola julgava ser importante para o sujeito surdo. Em relação à organização do currículo, Silva (2011, p.190) argumenta que:

Elas dizem qual conhecimento é legítimo e qual é ilegítimo, quais as formas de conhecimento são válidas e quais não são, o que é certo o que é errado, o que é moral e o que é imoral o que é bom e o que é mau, o que é belo e o que é feio, quais vozes são autorizadas e quais não são.

Observamos que a escola de surdos legitimou a oralização como um saber disciplinar, sendo válido nesse ambiente e sendo bom e desejável para o corpo daquele sujeito, fazendo-o, assim, parecer belo e eficiente diante da sociedade.

Fica evidenciado na imagem que, naquele momento, a escola utilizava-se de uma pedagogia corretiva que visava controlar e observar os corpos e almas (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1991). Através dessa pedagogia, exercem-se os dispositivos que irão disciplinar esses sujeitos, qualificando seus corpos e, assim, “esses dispositivos funcionam como máquinas que esquadrinham, articulam e desarticulam os indivíduos; mas também produzem atitudes e comportamentos que ajustam o corpo ao espaço físico” (ARAÚJO, 2012, p.32).

Tais práticas de disciplinamento registradas nessa fotografia, as quais eu problematizo nesta seção, ocorreram de forma coletiva, mas havendo uma organização do espaço em que cada um ocupava um determinado lugar. Para que tal arranjo escolar pudesse tornar-se eficiente, determinou-se um lugar individual, tornando possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Segundo Foucault (1989, p.134), a escola “organizou uma nova economia de tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma maquinaria de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar”.

As práticas de disciplinamento podem ser aplicadas de diferentes formas, fazendo o uso de pedagogias corretivas, muitas vezes, fazendo uso de profissionais da saúde, para assim reabilitar o corpo surdo. A seguir, realizo um estudo interpretativo da Figura 2, que se refere à outra prática de oralização que também se

constitui como um modo de disciplinamento, igualmente registrado em fotografia no contexto educacional surdo.



Figura 2 - Fotografia da escola II  
Fonte: Acervo da escola, década de 70.

Ao utilizar o método interpretativo de imagem, em sua primeira fase, percebemos duas figuras humanas, que, em um primeiro plano, aparecem de costas para a pessoa que as fotografou, sendo possível ver somente a parte superior do tronco e sua nuca. Percebem-se quadros que se encontram fixados em um móvel e que sugere ser uma bancada com espelho, dividido em três faces: uma central, maior e plana, na qual os rostos e a parte superior do tronco de ambas as pessoas aparecem refletidas. Já nas outras faces deste espelho, uma encontra-se à esquerda, com reflexo parcial de uma das pessoas, e outra, à direita da face central, onde não é possível ver seus respectivos reflexos.

Ao observar a imagem das duas pessoas refletida na face central do espelho que compõe a fotografia, é possível verificar as expressões faciais que ambas esboçam, mais precisamente na região inferior da face, isto é, conseguimos perceber que a boca de ambas encontra-se (semi) aberta.

Já na segunda fase do método, a iconográfica, que se baseia em olhar os parâmetros gerais que estão presentes na imagem, sugere-se que o ambiente no qual esta fotografia foi constituída é uma sala, devido à parede localizada ao fundo

do espelho, e que no momento deste registro indica que a imagem é caracterizada por um atendimento que envolve duas pessoas.

Em relação a essas duas pessoas presentes na imagem, devido às características físicas das mesmas, acredita-se ser uma delas, uma mulher com idade adulta; já a outra, um menino com idade imprecisa, mas com características aproximadas ao início da escolarização.

Devido o contexto no qual esta imagem pertence, uma escola de surdos, e os movimentos de articulação da boca das pessoas, em um primeiro momento é possível pensar em um atendimento individualizado com uma profissional, no qual sugiro ser uma professora/fonoaudióloga que realiza exercícios de oralização com o menino/aluno.

Para realizar a fase iconológica, é necessário fazer análises mais densas diante da imagem. Portanto, percebe-se que a oralização também era exercida através de atendimentos individualizados, recebendo certa atenção educativa (LUNARDI, 2003) e, assim, podendo-se analisar, com base em Foucault (1987), que a disciplina poderia ser elaborada para a coesão individual e coletiva dos corpos.

Nesta Figura 2, a pessoa que se encontra próxima ao aluno é uma fonoaudióloga que realiza exercícios para estimular a fala. Logo, é possível perceber que, em um dado momento da escolarização, a escola necessitou de outros profissionais, de diferentes áreas dos saberes, para realizar uma pedagogia corretiva.

Sendo assim, a prática de disciplinamento oralista opera sobre o corpo do sujeito com o objetivo de torna-lo mais dócil, um corpo treinado e útil: “O corpo, tornando-se alvo dos novos mecanismos do poder, oferece-se a novas formas de saber” (FOUCAULT, 1987, p.140). Esse corpo agora entra em uma maquinaria de poder que deseja adestrá-lo usando mecanismos de normalização. Nesse contexto, reabilitar o corpo e adestrá-lo através da fala, torna-o útil para a sociedade.

Trago, aqui, a narrativa de uma das participantes que lembra que:

*A de tarde era aula normal; de manhã era atendimento em dupla, uma vez por semana, era pouco, mais ou menos uma hora; era na frente do espelho. Fono é clínico.*  
(NARRATIVA S1)

Ao observar esta narrativa, percebe-se que há uma ocupação de diferentes espaços na escola, com uma organização do espaço específico para esses atendimentos – uma sala com espelhos. Ainda, durante a ocupação desse espaço, o tempo era controlado para que o processo de oralização fosse mais eficiente, durante um tempo pré-estabelecido para o atendimento.

Desse modo, é possível ver uma utilização precisa do tempo. Para Foucault (1987, p.137): “o tempo medido e pago deve ser também um tempo sem impureza nem defeito, um tempo de boa qualidade, e durante todo o seu transcurso o corpo deve ficar aplicado a seu exercício”. Assim, ao realizar atendimentos que visavam práticas de oralização, exercia-se um controle do tempo das atividades.

Um dos princípios desse controle diz respeito a regulamentar os ciclos de repetição. O sujeito surdo passou por momentos de sua escolarização na qual emitir vários sons, reproduzi-los e repetir a fala até que se chegasse ou se aproximasse da normalidade, tornou-se uma prática recorrente de disciplinamento através da oralização.

Com o objetivo de adensar as problematizações, trago uma imagem do filme *O menino selvagem*<sup>24</sup>, do cineasta francês François Truffaut (1969). Não me detenho em desenvolver uma análise metodológica da imagem, uma vez não tratar-se de uma fotografia do acervo da escola, porém, considero oportuno trazer a cena para este texto, pois percebo ali práticas que se aproximam àquelas que, com o objetivo de normalizar o corpo surdo, tornaram-se práticas decorrentes da escolarização que, em um primeiro momento, estavam vinculadas à Educação Especial e, posteriormente, mantiveram-se por muito tempo na Educação de Surdos.

Na imagem do filme (Figura 3), de forma similar à Figura 2, o uso do espelho (de mirar-se), bem como o de exercícios de repetição compunham um conjunto de práticas de disciplinamento do corpo desses sujeitos/alunos.

---

<sup>24</sup>Este filme baseia-se em uma história real. O filme, dirigido pelo cineasta francês François Truffaut (1969) conta a história de um menino encontrado na floresta, próximo à Paris, e que tinha aproximadamente doze anos, chamado Vitor; ele não falava e tinha um comportamento similar a de um animal selvagem. O médico-pedagogo Jean Itard interessou-se pelo menino e desenvolveu um processo educacional/civilizatório através de diferentes práticas de reabilitação que, posteriormente, vieram a embasar vários educadores no campo da educação especial.



Figura 3 – Cena do filme *O menino selvagem*, de François Truffaut.  
 Fonte: [https://mnemosynedotcom.files.wordpress.com/2007/07/enfants\\_auvage.jpg?w=640&h=386](https://mnemosynedotcom.files.wordpress.com/2007/07/enfants_auvage.jpg?w=640&h=386)

A escolarização visava uma organização espacial, de modos de ser e agir e, para tal, utilizava-se de práticas de disciplinamento para fabricar corpos nessa maquinaria escolar. A autora Márcia Lunardi (2003, p.88) traz em sua tese de doutorado a emergência das Escolas Especiais<sup>25</sup>, quando também cita a história do Menino Selvagem e diz que:

Esse tratamento minucioso conferido ao selvagem expressa uma mirada sobre aquilo que é discrepante, irregular, e que passa a ser digno de uma atenção crescente e mais particularizada, ou seja, o infantil constitui-se como objeto de análise dos olhares médicos e científicos e passa a ser capturado por um novo tipo de poder: um poder que tem o objetivo de organizar, estreitar, percorrer e conformar os corpos infantis.

Ainda, sobre a história de Victor, o menino selvagem, em relação os dispositivos de disciplinamento que a Educação Especial promove, a mesma autora diz que:

Com o estudo de Victor, é possível perceber a inscrição histórica do discurso da Educação Especial nas práticas normalizadoras que reivindicavam e constituíam formas regulares de curar e reabilitar, situadas em uma rede de relações que fazia operar os mecanismos que colocavam em funcionamento os padrões de normalização e disciplinamento. Com o acento nas práticas de reeducação e reabilitação, vê-se acionar um domínio do normativo, do regular, do que se encontra em conformidade à norma. (LUNARDI, 2003, p.95)

Diante de tais excertos, podemos verificar que, no discurso da Educação Especial, estão presentes ações que promovem uma prática que faz da norma um

<sup>25</sup> Já mencionadas e descritas anteriormente, nesta dissertação.

dispositivo que regula a sociedade. Porém, dispositivos disciplinares não são uma característica exclusiva da Educação Especial. A utilização desses dispositivos tem sua raiz nos fundamentos da escolarização, pois é esse processo que faz da escola a redentora de saberes e poderes, utilizando-se de práticas de disciplinamento com viés pedagógico, mas também clínicos, para assim reafirmar que esse corpo precisa de correção.

#### 4.2 Dispositivos mecânicos para reabilitar o corpo

Ao observar a Figura 4, em um primeiro momento, pode-se dizer que a fotografia foi realizada em um ambiente fechado, devido à suposta parede que se encontra ao fundo da imagem; e, ainda, que a fotografia é composta por um número muito restrito de elementos cênicos.

Sendo assim, somente duas pessoas compõem a imagem na qual uma pessoa encontra-se sentada, com a cabeça levemente inclinada, sendo fotografada da parte superior do tronco para cima; percebe-se que seu olhar está fixamente concentrado para a lente do fotógrafo.

Entretanto, a outra pessoa presente na imagem não tem o olhar direcionado ao fotógrafo e encontra-se em pé, com o seu corpo e mãos ligeiramente inclinados em direção à pessoa que está sentada.



Figura 4 - Fotografia da escola III  
Fonte: Acervo da escola, década de 90.

Ao realizar a fase iconográfica de interpretação de imagens, devido à origem de armazenamento da fotografia, percebe-se que o local onde a imagem foi

realizada tem características de um ambiente fechado, podendo ser uma sala em um espaço escolar (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1991).

Observando as pessoas presentes na fotografia é possível dizer, pelas características físicas, que ambas são mulheres. Devido ao contexto da imagem ser de origem de uma escola de surdos, sugere-se que a menina sentada seja uma aluna que está recebendo uma prótese auditiva.

Essa ação de dar e/ou colocar aparelhos auditivos para/em alunos surdos tornou-se uma prática habitual no contexto educacional surdo, a fim de proporcionar a esses alunos uma melhora eficiente na reabilitação da audição.

As discussões que envolvem o fornecimento de um dispositivo mecânico para reabilitar o corpo e, assim, discipliná-lo serão aprofundadas a seguir, na terceira fase do método interpretativo de imagens, isto é, no momento iconológico da imagem.

A imagem a qual venho me referindo mostra um clássico exemplo de normalização do corpo surdo. Em relação a essa coerção exercida no corpo, Foucault (1987, p. 126) diz que:

Muitas coisas, entretanto são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, *grosso modo*, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica — movimentos, gestos atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício.

Considero o aparelho auditivo um dispositivo mecânico que visa amenizar a falta da audição do corpo surdo, que ainda é vista como uma patologia. A prótese auditiva vem para curar esse sujeito e, dessa forma, torná-lo o mais normal possível; é por causa desses pressupostos que o aparelho auditivo esteve presente nesse corpo surdo e no espaço educacional.

A autora Kamila Lockmann (2006, p.50-51) diz que a escola moderna exerce ações: “desde a sua estruturação para um único e definido tipo de aluno até seu incansável esforço para produzir sujeitos disciplinados, que convivam harmonicamente em sociedade”. Sendo assim, a escola é um espaço que persiste em padronizar aquele que se encontra fora das demandas consideradas normais da sociedade para, assim, produzir e manter sua ordem.

Para prevenir a desordem, a escola institucionaliza algumas normas, sendo elas os parâmetros da sociedade. Tais normas visam disciplinar e, assim, normalizar esses corpos e, por vezes, torna-se necessário envolver outros seguimentos na escola, isto é, não é somente a pedagogia que está presente, mas também outros saberes de diferentes áreas que participam desse processo.

Objetivando amenizar os efeitos aparentes da patológica surdez, nesse contexto em que a fotografia foi produzida, trata-se de uma distribuição de aparelhos auditivos realizada pelo serviço social da escola, cuja aquisição era realizada com a verba da Legião Brasileira de Assistência<sup>26</sup>. Então, percebemos que aí há uma ação social que também se dedica a melhorar o corpo desse aluno; em relação a essa doação dos aparelhos auditivos, a entrevistada diz que:

*A LBA era um projeto para famílias pobres que não tinham condições de comprar o aparelho auditivo. O pedido do aparelho era enviado, mas demorava... às vezes três, quatro anos. Eu usei esses aparelhos, três vezes; dois eram do modelo que carregava no peito, e depois, era o fixo, que ficava na orelha. (Narrativa S1)*

É possível perceber que, naquele momento, a instituição contava com apoio de programas de Assistência Social vinculados ao governo, que promoviam a compra e entrega de aparelhos auditivos. Segundo Fonseca (2013, p.333): “A LBA através do Programa de apoio à pessoa portadora de deficiência realizava doação de cadeiras de rodas, pernas mecânicas, muletas e aparelhos auditivos, etc. Ainda hoje se mantém uma cultura pautada nessa conduta na política de Assistência Social.”.

Para problematizar o uso de dispositivos mecânicos para reabilitar o corpo, trago uma imagem (Figura 5) disponibilizada no livro *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, de Michel Foucault (1987):

---

<sup>26</sup> A Legião Brasileira de Assistência (LBA) tinha como objetivo promover ações de assistência social, através de programas sociais que visavam auxiliar as pessoas menos favorecidas, sendo seu público-alvo, pessoas carentes, bem como com deficiências físicas e mentais.

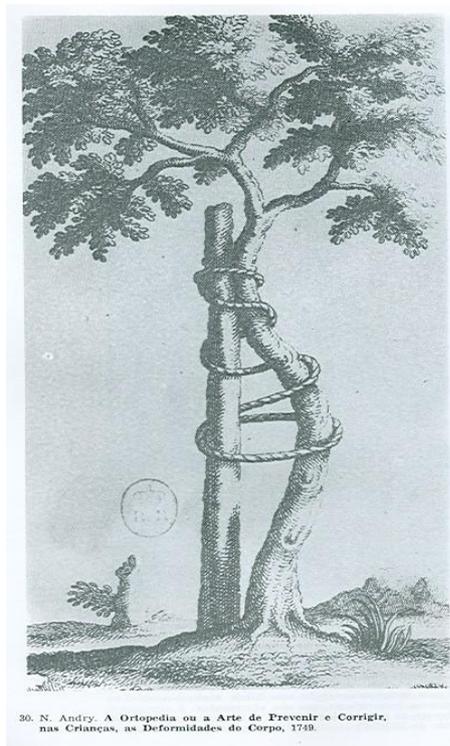


Figura 5 – Disciplinamento do corpo

Fonte: *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. (FOUCAULT, 1987, s/p).

Considero que esta imagem representa, de forma clara, nossa problematização sobre os dispositivos que são utilizados para disciplinar um corpo, na tentativa de torná-lo dócil, perfeito, objetivando o corpo normal.

Realizando uma breve analogia com a foto produzida no ambiente escolar, vemos, na imagem do livro de Foucault (1987), a estaca reta, livre de deformidades sendo a norma, o padrão de corpo perfeito que se deve seguir; já a árvore pode ser associada com o corpo que se deseja disciplinar. Sendo assim, para seguir a norma fixa e ereta – a estaca – é necessária a corda, ou seja, o dispositivo mecânico, utilizado para corrigir. Isto pode ser, metaforicamente, relacionado ao uso do aparelho auditivo.

Nesse processo, faz-se o uso de estratégias de poder para manipular o corpo com o propósito de expô-lo a uma “perfeição”. Sendo assim, segue-se um modelo que também irá reproduzir a benevolência que nele foi aplicada em um espaço favorável para aprendizagem e reprodução do corpo.

Essa disciplinarização que visa a correção, quando usada com utensílios mecânicos acoplados e de longa permanência no corpo, pode ser chamada de ortopedia pedagógica, um conceito que se utiliza de dois termos de áreas distintas,

uma vinculada à medicina e a outra à educação, respectivamente, e que indica a aproximação e articulação de diferentes saberes.

A ortopedia remete-nos à prevenção de defeitos/deformidades do corpo com ajuda de exercícios metódicos ou por meios mecânicos – neste caso, o aparelho auditivo, e pode ser associada à arte de corrigir o corpo. Quando extraímos esse conceito e o vinculamos à área da educação, é possível pensar em um corpo que vivenciou longos treinamentos/exercícios para amenizar as suas deformidades.

No contexto da Educação de Surdos, o local de correção e de ações que visam qualificar esse corpo é a escola. Por vezes, os recursos pedagógicos são vistos como insuficientes para que a disciplina torne algo eficiente, e, assim, a escola executa outras estratégias, usando recursos mecânicos a fim de corrigi-los e discipliná-los.

### 4.3 Ofícios de disciplinamentos

A Figura 6, por sua vez, refere-se aos ofícios de disciplinamento vivenciados na escola de surdos. Na primeira fase interpretativa da imagem, é possível dizer que a imagem foi registrada em um ambiente fechado. Ainda, é possível verificar a presença de três pessoas, todas se encontram em pé, atentas às ações que realizam. Uma veste um jaleco branco, já as outras duas pessoas não utilizam uniformes ou roupas específicas.



Figura 6 - Fotografia da escola IV  
Fonte: Acervo da escola, sem data.

A pessoa que usa jaleco encontra-se próxima fisicamente de um equipamento que outra pessoa manuseia atentamente; a terceira pessoa presente na imagem encontra-se um pouco afastada dos demais e manuseia um equipamento, individualmente.

Ao realizar o segundo nível de interpretação da imagem, o nível iconográfico, percebe-se que esse ambiente fechado é um espaço no qual se realizavam oficinas de marcenaria.

Em relação às pessoas que estão presentes nessa fotografia, dois parecem ser alunos, e, devido às características físicas, sugere-se serem meninos; ambos manuseiam diferentes máquinas. Já em relação a terceira pessoa, sugiro ser um professor, por estar vestido de jaleco; o mesmo também parece auxiliar um de seus alunos.

O número de objetos presentes nesse espaço é pequeno, porém eles são grandes, podendo estar bem visíveis e nos proporcionarem a informação de que tais objetos/maquinarias pertencem a um momento de trabalhos manuais, possibilitando, assim, a construção de um ofício, possivelmente, de marceneiro. Este ofício, entre outros, era frequente em escolas de surdos, como argumenta Klein (2003, p.46): “as oficinas profissionalizantes vão ser efetivamente organizadas no Instituto dos Surdos (...) Marcenaria, serigrafia, sapataria, tipografia são algumas das especialidades contempladas”.

Na fase iconológica de interpretação da Figura 6 é possível perceber que aprender um ofício também se fazia presente no processo de escolarização dos sujeitos surdos. Nessa imagem, a oficina de marcenaria foi registrada na fotografia, dentro de um ambiente fechado, e pertencente ao espaço escolar. Percebe-se a presença de um professor vestindo jaleco, habilidoso para a realização do ofício, e de alunos aprendizes do mesmo.

Segundo Klein (2003), desde a fundação do antigo Instituto Nacional dos Surdos-Mudos<sup>27</sup> (1857), já havia a preocupação em capacitar o surdo para o mercado de trabalho. Tal preocupação era vista nos projetos educacionais para surdos e estendeu-se a outros espaços. A autora diz que:

Oficinas laborais dentro das escolas como, também, formulações mais gerais envolvendo programas governamentais têm, desde lá,

---

<sup>27</sup> Primeira escola de surdos no Brasil.

caracterizado a diversidade de práticas voltadas à formação profissional que vêm se articulando nos espaços surdos — as escolas de surdos e as diferentes instâncias dos movimentos surdos organizados como associações, clubes, ou seja, espaços nos quais foram/são constituídos programas voltados à formação profissional dos surdos. (KLEIN, 2003, p. 15)

Percebe-se que durante o processo de escolarização do sujeito surdo, a sociedade, mais especificamente a escola, recorrentemente se preocupou em dar formação profissional a esses sujeitos. A escola vinha a ser um ambiente estratégico para que essas oficinas se realizassem com grande potencialidade.

Nessa fotografia, é possível unir várias instâncias de disciplinamento em uma só imagem. Para problematizar as discussões, a seguir, apontarei aquelas que se sobressaem à imagem, porém, no meu olhar de pesquisadora, posso deixar escapar outros tantos princípios de disciplinamento que compõem a imagem.

Destaco a oficina ser realizada no espaço físico escolar, pois a mesma potencializa essa prática por já ter um ambiente organizado, com seu tempo cronologicamente sincronizado para a prática, ou seja, a escola já é um lugar que estabeleceu o disciplinamento em diferentes modos e em distintas práticas.

Ainda, durante a realização do ofício, há a presença de alguém que sabe como se utiliza a ferramenta para que seja possível o manuseio adequado e, assim, se chegar a um produto final (a profissionalização); o sujeito a quem me refiro é o professor. Essa figura faz lembrar a relação de poder na qual quem ensina não é o mesmo que aprende. Então, no exercício das oficinas, há uma ligação com os saberes disciplinares que ali foram estabelecidos e que devem ser aprendidos e compartilhados.

Para tal evidência vale lembrar que a escola, através do seu currículo, determina os saberes que lhe são válidos. Ainda no início do século XX, nas escolas de surdos, instituiu-se uma proposta curricular denominada Pedagogia Emendativa, a qual, segundo Klein (2003, p.35): “privilegiava o ensino da linguagem, enfatizando suas modalidades oral e escrita como também propunha a habilitação profissional em oficinas organizadas dentro do espaço escolar”. Sendo assim, observa-se que, nessa pedagogia, a Língua de Sinais não era reconhecida, apresentando uma ênfase no desenvolvimento da oralidade e escrita do sujeito surdo; ainda tinha como proposta o desenvolvimento de oficinas no espaço escolar, espaço esse que

legítima essa prática como um saber. Essas práticas acompanharam por muito tempo as propostas escolares da Educação de Surdos (KLEIN, 2003).

Ainda sobre esta última imagem, pode-se visualizar, na Figura 6, que há o manuseio de ferramentas, tratando-se de uma atividade controlada, tendo que haver uma articulação corpo-objeto. Assim, estabelece-se uma relação com o corpo do sujeito, o instrumento a ser manuseado e a prática física que vem a ser a manobra exercida sobre o aparelho de produção (FOUCAULT, 1987).

Na narrativa a seguir, é possível perceber que, em um determinado momento, havia diferentes oficinas que faziam parte do contexto curricular de escolarização desta instituição.

*Aqui seriam trabalhos manuais... uma oficina de marcenaria, com o professor de marcenaria, o P1. Ele trabalhou muitos anos na escola. (Narrativa S2).*

*Também tinha a oficina da P2... eram oficinas de cerâmica. Naquela época se ganhou um forno, não lembro de quem, então a P2 fazia trabalhos de cerâmica com as crianças. (Narrativa S2).*

Klein (2003, p. 52) explica que:

Em muitas das escolas de surdos que foram criadas no país, as oficinas profissionalizantes eram consideradas alternativas interessantes para o preparo para a vida e o mercado de trabalho. No decorrer dos anos, essas oficinas foram diminuindo, pois as instituições educacionais passaram a optar por ações de orientação, encaminhamento e acompanhamento de seus alunos em cursos externos à escola, bem como pelo acompanhamento aos locais de trabalho através de atividades supervisionados.

É possível ver que, durante a realização da oficina, há um interesse em possibilitar aos alunos surdos uma preparação para sua vida, porém, também havia o objetivo de fazer com que esse corpo se tornasse dócil e, por consequência, disciplinado. Em relação a isso, Klein (2003, p. 26), diz que:

O poder disciplinar é, aí, fundamental, pois age diretamente sobre os corpos, sobre os tempos e os espaços. Temos a constituição de corpos úteis e dóceis, de corpos produtivos, de corpos governáveis através da minúcia dos saberes sobre eles.

Refletindo sobre essa citação, destaco um dos princípios do disciplinamento que conduz a corpos produtivos. Assim, pode-se dizer que as oficinas almejavam

fazer com que esses sujeitos tivessem um ofício e, assim, uma utilidade nos espaços em que circulavam.

Pensar na articulação do espaço da escola juntamente com as oficinas profissionalizantes sugere uma operação dos corpos em busca de produtos através de um saber disciplinar. Tal articulação torna-se recorrente ao processo de escolarização do sujeito surdo, pois a sociedade sempre visou reabilitar esse sujeito, integrando-o a escola em classes especiais<sup>28</sup> ou ao mercado de trabalho; e a escola sempre foi vista como espaço capaz de proporcionar essa capacitação.

#### 4.4 A maquinaria escolar e suas produções

A escola é um espaço que tem a capacidade de fazer os corpos (re)produzirem diferentes ações. Nessa maquinaria escolar, pode-se dizer que uma das engrenagens refere-se às produções de corpos e sentidos que a instituição reproduz com seus alunos e nos seus alunos.

Para o momento, busco diferenciar “com” e “nos” para esclarecer que, quando me refiro **às produções com seus alunos**, me referencio às ações em que professores coordenam práticas dos alunos, como teatros, exposições de trabalhos, coral, e diversas outras possibilidades nas quais seus corpos físicos demonstram aprendizagens. Já quando uso o termo que **a escola produz nos corpos**, busco referenciar a produção de certos jeitos de ser e estar dos alunos, a produção de subjetividades nessa maquinaria escolar. A escola vem a ser um espaço que proporciona aos seus alunos a construção de artefatos que estão diretamente relacionados às disciplinas de saberes, sendo essas uma produção curricular. Dessa forma, é possível perceber que há uma relação entre as ações que a escola proporciona nesses corpos, no currículo e na construção das subjetividades.

A escola não produz somente artefatos capazes de serem apresentados à comunidade escolar. Nessa maquinaria institucional, suas produções não cessam, são contínuas. E, simultaneamente, enquanto ocorre a produção de artefatos a serem expostos como a comprovação das aprendizagens – e do sucesso da escola, também ocorre a produção de significados e de subjetividades. Na aproximação ao

---

<sup>28</sup> Atualmente, em classes inclusivas, segundo a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Esse é um tema polêmico, que provoca muitos debates entre educadores de surdos e comunidade surda. Contudo, não vou aprofundar esta questão por não ser o foco desta pesquisa.

acervo da escola foi possível visualizar imagens que indicam algumas formas disciplinares que engendram e contribuem para esta produção de significados, corpos e subjetividades.

#### 4.4.1. Desporto: a produção de corpos disciplinados

No processo de escolarização, as práticas disciplinares ocorrem de diferentes formas. Para o momento, trago para análise imagens em que tais práticas são evidenciadas nas aulas de educação física/ desporto.

Na fase pré-iconográfica de interpretação de imagens, trago os elementos que compõem a Figura 7, ou seja, ela é composta por muitas pessoas sentadas ao fundo da imagem, próximas a uma parede, sendo que, na frente de algumas dessas pessoas, há um objeto retangular. Ainda, nessa mesma parede, é possível ver um texto verbal dando indícios do acontecimento ali registrado.

Ao centro, há onze pessoas deitadas, organizadas em círculo, de mãos dadas. Dessas, cinco encontram-se de camisetas na cor branca, e os demais com camisetas na cor amarela. No centro desse círculo há uma pessoa de cabeça para baixo, apoiada em um objeto similar a um colchão, usando uma camiseta na cor branca.



Figura 7 - Fotografia da escola V  
Fonte: Acervo da escola, década de 80.

Em relação ao segundo período interpretativo da imagem, o iconográfico, em um primeiro momento, observa-se que as pessoas que se encontram mais ao fundo da imagem estão presentes como espectadores, assistindo um espetáculo.

O objeto retangular que se encontra ao fundo parece ser uma mesa, e o texto verbal refere-se à palavra “parabéns”, o que indica, nesse contexto, que a fotografia retratou um momento de confraternização, um momento de aniversário da escola. Também é possível perceber que a apresentação artística que acontece é executada pelos alunos. Essa apresentação tem como objetivo celebrar um acontecimento devido à informação verbal escrita – parabéns. Percebemos um cuidado ao realizar o espetáculo, pois é possível ver que há uma preocupação com as roupas, assim como a organização do espaço e sincronia de corpos para que tudo seja harmônico aos olhos dos espectadores presentes.

Quando realizo a fase iconológica nesta imagem, percebo que há uma relação muito forte com o evento que aconteceu – o aniversário – e o contexto dos corpos que estão na imagem. O aniversário da escola é um momento de festividade que reúne a comunidade escolar e a leva para dentro deste espaço.

O aniversário da escola vem a ser um acontecimento no qual todos irão observar, conhecer e revisitar esse espaço. Também é visto como um momento de compartilhar os saberes que ali foram e/ou estão sendo produzidos; e a apresentação de ginástica, registrada nesta fotografia, nos informa muito sobre esse momento da escola.

Práticas de desporto e ginástica são encontradas registradas na história da Educação de Surdos, como bem mostra o brasão do *Institut National de Jeunes Sourds* de Paris (Figura 8). Esse brasão nos ilustra a possível proposta curricular dessa primeira escola pública de surdos, criada no final do século 18, pelo Abade L’Eppé, em que a ginástica fazia parte da esfera disciplinar de saberes específicos na Educação de Surdos, e que se fizeram presentes em meados do século XX e perduram até os dias atuais.

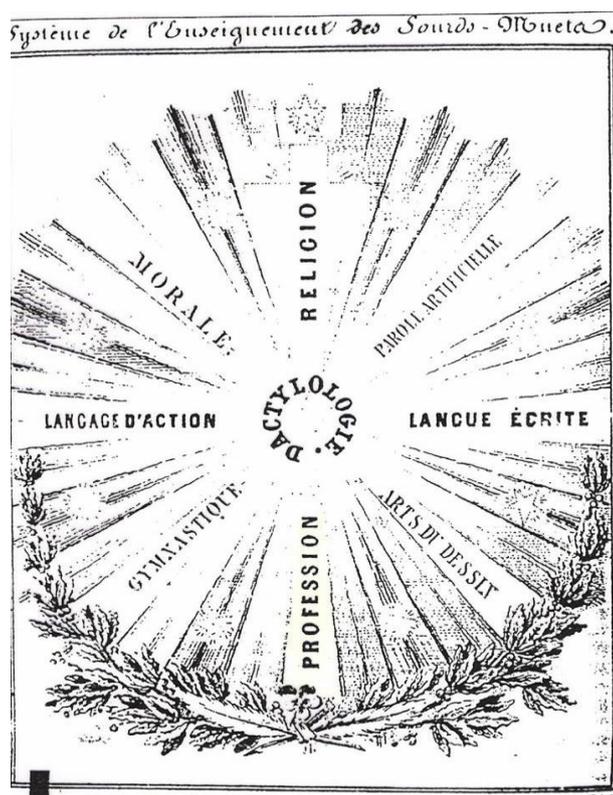


Figura 8 - Desenho do Brasão.  
 Imagem simbolizando o Sistema de Ensino dos Surdos Mudos,  
 do *Institut National de Jeunes Sourds*, de Paris.  
 Fonte: *Une histoire "à corpset à cri"*. Paris: INJSP, 1994.

Retomando a primeira imagem desta seção (Figura 7), o corpo dócil, disciplinado, treinado e agora cênico é apresentado à comunidade escolar como um espetáculo, evidenciando a capacidade do aluno surdo diante daqueles que os enxergam. O pesquisador Sérgio Lulkin (2000), em sua dissertação de mestrado, problematiza as práticas cênicas realizadas em escolas de surdos. Segundo o autor, essas servem como uma apresentação, isto é, um momento de expor o aluno, mostrando, assim, para a comunidade escolar, o que vem sendo produzido na escola.

Segundo Lulkin (2000, p. 21):

Percebe-se, assim, uma história secular de "mostras públicas", que celebram datas históricas a serem recordadas, memorizadas, perpetuadas. Mostras que assumem a forma de demonstração de conhecimento dos estudos surdos diante de uma plateia de ouvintes, de festas comemorativas com a produção artística ou objetos ligados à representação pictórica e escultórica.

Em meios aos malabarismos corpóreos, a escola se sente na necessidade de reafirmar que esses corpos encontram-se saudáveis. O aluno torna-se um artista neste

espetáculo que a escola impulsiona para acontecer. A respeito disso, Lulkin (2000, p.28) diz que: “os estudantes ‘artistas’ reúnem-se nas igrejas, associações e escolas especiais, onde algum ‘dedicado’ educador ouvinte investe tempo e conhecimento para que um resultado possa ser mostrado publicamente.”

Em relação às práticas de desporto exercidas em aulas de educação física, um dos sujeitos entrevistados relata que:

*Eu gostava muito, muito destas aulas. Tinha uma característica militar, era mais rígido, diferente de hoje. Hoje é mais livre. Aprendíamos a jogar vôlei, handebol, basquete, ginástica. Se não conseguíamos, o professor fazia a gente treinar até conseguir (se referindo à ginástica). Mexíamos com o corpo, era bom para o corpo.*  
(Narrativa S1)

Diante desta narrativa, é possível perceber que as aulas da disciplina de educação física fomentam lembranças a respeito de características dessas aulas, consideradas *rígidas*, que faz a entrevistada lembrar-se dos disciplinamentos exercidos no espaço do exército. Por essa ótica, “a disciplina não é mais simplesmente uma arte de repetir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente” (FOUCAULT, 1989, p.147). Sendo assim, as imposições do professor que o tornava rígido no desenvolvimento de suas práticas de ensino, faz pensar não somente em um corpo, mas sim em unir forças e pensar no exército que vai compor as forças, nesse caso, os alunos que, a cada aula, aprimoravam o que lhes era ensinado.

Cada unidade do exercício é conduzida por um líder, neste caso, o professor, que era visto como alguém rígido, que impunha as regras, ordens, disciplinamento diante daqueles corpos; que, por vezes, fazia os mesmos treinarem até conseguirem os objetivos que lhes era proposto no princípio da prática.

Segundo Foucault (1987, p.149):

[...] mestre de disciplina àquele que lhe é sujeito, a relação é de sinalização: o que importa não é compreender a injunção, mas perceber o sinal, reagir logo a ele, de acordo com um código mais ou menos artificial estabelecido previamente.

Logo, colocar esses corpos a compreender sinais com significados e, a partir deles, realizar respostas imediatas, correspondem a técnicas de treinamento, em

que, no ambiente escolar, vai se dar da mesma forma, através de gestos, palmas, ordem verbal, total concentração e um simples olhar do mestre diante de seu educando.

Segundo a narrativa da entrevistada, diferentes modalidades esportivas eram ensinadas, sendo um indicativo de que essas práticas faziam parte de uma organização curricular, objetivando exercitar o corpo. A narradora ainda relata sobre o quanto essas práticas vêm mudando em diferentes tempos e espaços. Fazendo um paralelo com os dias atuais, ela diz que, hoje, a realização das atividades está mais livre, enfatizando, também, a importância dessas práticas e o quanto o movimento é bom para o corpo.

No contexto da Educação de Surdos, é possível ver, através das imagens e narrativas, as práticas de disciplinamento que os sujeitos surdos vivenciaram e vem vivenciando durante sua escolarização, através das produções esportivas que nesse ambiente foram de constituindo.

No entanto, essas produções não se restringem ao campo dos desportos. Elas se proliferam, também entre outras tantas atividades que a escola desenvolve, e as colocam para a apreciação da comunidade como forma de divulgação e legitimação de seus projetos. É sobre elas que vou seguir minhas análises na seção seguinte.

#### 4.4.2 Mostra de trabalho: disciplinamentos sinalizados

Na aproximação ao acervo fotográfico da escola, foi possível visualizar imagens de momentos específicos em que a escola coloca seus alunos em evidência através de intervenções cênicas, em que a sinalização – a língua de sinais – é apresentada à comunidade escolar.

A seguir, realizo na fotografia abaixo (Figura 9) a fase pré-iconográfica. Nesta imagem, vemos a presença de 15 pessoas, todas em pé. Dessas, 14 pessoas encontram-se sobre uma espécie de degrau, lado a lado, utilizando roupas da mesma cor e modelo. Este ambiente parece ser um local fechado, devido às paredes e teto parcialmente registrados na imagem. Ao fundo, há algumas pessoas presentes no degrau, localizadas à direita e à esquerda da imagem, atrás delas há um tecido vermelho suspenso e fixado no teto; no degrau também há uma listra vermelha.

Em relação às pessoas presentes no degrau, de uma forma simétrica, suas mãos encontram-se posicionadas paralelamente uma ao lado da outra, em frente aos seus corpos; ainda, todos direcionam seus olhares para um único lugar, esse ocupado pela 15ª pessoa presente na imagem.

Essa pessoa, para o qual os demais olham fixamente, encontra-se na parte inferior do degrau, de frente para os demais. Sobre a roupa, a mesma usa uma vestimenta similar, porém de cor diferente das demais. Em relação à posição das mãos dessa pessoa, elas também estão em uma posição similar aos demais que se encontram na foto.



Figura 9 - Fotografia da escola VI.  
Fonte: Acervo da escola, década de 90.

Após concluir a primeira fase analítica da imagem, direciono a análise para o seu segundo momento, isto é, a fase iconográfica, quando se considera o contexto em que a imagem foi constituindo. Sabendo que ela pertence a um acervo de uma escola de surdos, pode-se dizer que as pessoas que se encontram na parte superior do suposto degrau são alunos da escola.

No que diz respeito ao espaço físico no qual a fotografia foi registrada, é possível perceber que esse se refere a um palco, devido ao degrau e ao tecido atrás das pessoas, na qual sugiro ser uma cortina de um teatro/auditório onde os alunos estão realizando uma apresentação.

Em relação à roupa, é possível perceber que o modelo que os alunos utilizam é igual ao que a professora veste, porém, a cor é diferenciada: dos alunos é verde com branco, já da professora, é branco com verde.

Ao observar a fotografia, é possível perceber que os alunos olham fixamente para a professora. As mãos dos alunos se encontram em uma posição similar ao da professora, sendo possível sugerir que há uma cópia gestual, ou seja, a professora realiza o movimento e os alunos reproduzem.

Para realizar a análise na terceira fase, ou seja, da iconologia, é necessário um adensamento analítico do contexto no qual a imagem foi produzida. Esta imagem vem a ser a de apresentação de um coral sinalizado, organizado e desenvolvido por um professor ouvinte dessa escola de surdos. O ambiente onde ocorreu a apresentação foi o teatro da escola.

Para o momento, destaco o uso das vestimentas das pessoas que estão na foto: primeiramente, da professora, cujo modelo é igual ao dos alunos, porém, as cores se alteram. A respeito desta observação, contida na imagem, percebe-se a intenção de se destacar o professor, o mestre, o condutor de um exército de mãos.

Então, para fomentar as discussões, trago a contribuição dos autores Vilela e Junger (2013, p.164), que realizaram um estudo sobre o uniforme, cultura visual e os códigos visuais que a escola utiliza. Sobre isso os autores relatam que:

Acreditamos, por sua vez, ser excessivamente precipitado advogar em favor de uma suposta semelhança entre escola e prisão/exército, já que tal feita, em certa medida, obliteraria os processos de diferenciação que, em um dado momento, permitiram o seu surgimento, posto que somente estes processos sejam capazes de justificar a rápida expansão do dispositivo disciplinar no/pelo tecido social.

Os autores destacam a uniformização e a diferenciação entre os sujeitos escolares como dispositivo disciplinar, no caso da imagem analisada, especificamente o uniforme – a forma de uniformizar os alunos entre si e diferenciá-los do professor. Os alunos estão utilizando uma roupa padrão no momento da apresentação, mas, percebe-se também que, além da vestimenta, há o alinhamento dos seus corpos no palco, com expressões sincronizadas, o que igualmente influencia nessa harmonia visual.

É possível perceber tal harmonia que se estende desde a harmonia física dos corpos, pois é notória a sincronia de todos os alunos mediante a realização dos movimentos que, possivelmente, foram previamente treinados, e que no momento da apresentação foram reproduzidos.

A respeito do coral sinalizado, uma das colaboradoras desta dissertação, em sua narrativa diz que:

*Coral sinalizado... eu não gostava! Não entendia nada, eu não participava. Eles (se referindo aos outros alunos) sinalizavam e eu não entendia, não combinava.*  
(Narrativa S1)

A partir da narrativa acima é possível perceber que nem todos os alunos estavam dispostos a participar desses treinamentos cênicos que era o coral sinalizado. Ainda, na fala da narradora, percebe-se que por opção ela optou manter um distanciamento dessa prática recorrente na escola de surdos, pois ela não entendia, não combinava, alegando haver uma desarmonia da letra da música com a língua de sinais que era reproduzida.

Para Lulkin (2000, p.33), algumas ações realizadas no espaço escolar em muitos casos são:

[...] resultado de propostas pedagógicas em que se percebe o privilégio do som e da fala, centradas num espaço culturalmente dominado pelos profissionais ouvintes. Ao serem colocados “em cena”, os surdos provocam emoções (o medo, o desconhecimento, riso e o choro) e produzem sentidos (a simpatia, a missão caridosa, a benevolência, a condescendência, a excitação diante do exótico, a superação da deficiência através da arte). As apresentações públicas produzem e sustentam a comoção do público “normal” quando se vê frente à “deficiência que superou seus limites”, aproximando-se de uma expressão cultural “educada, civilizada”.

Nessa perspectiva, percebe-se que durante o processo de escolarização do sujeito surdo, por vezes, se fazia o uso da Língua de Sinais como um dispositivo de disciplinamento, possibilitando aquele sujeito fazer o uso dela, porém, ela deveria ser apresentada à comunidade. Essas apresentações, constantemente promovidas como um espetáculo, privilegiavam os recursos auditivos, como a música.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de análises de imagens registradas em fotografias, de um acervo de uma escola de surdos, foi possível verificar distintas práticas que vão ao encontro das provocações iniciais desta pesquisa, que teve como objetivo analisar práticas de disciplinamento e escolarização que ali foram desenvolvidas, bem como entender como ocorreu a constituição desse espaço escolar.

Ao iniciar a pesquisa, em um primeiro momento, pretendia-se focar as análises em práticas pedagógicas registradas nas imagens. Contudo, no decorrer da investigação, durante o processo de seleção e análise das imagens, da produção das narrativas e dos cruzamentos destes dados, foram se evidenciando práticas de disciplinamento e escolarização, o que fomentou novas escolhas, principalmente de autores que sustentassem o seguimento das discussões. Assim, as práticas de disciplinamento e de escolarização tornaram-se o eixo principal desta dissertação.

Reorganizar a pesquisa, bem como realizar novas aproximações teóricas, contribuíram para perceber que o processo de escolarização dos surdos não ocorreu de forma isolada e exclusiva nesta instituição. Ele seguiu processos vivenciados também em outros espaços, objetivando a organização da sociedade, a partir de processos que visavam à normalização dos sujeitos. Na instituição pesquisada, houve uma organização de um determinado espaço clínico e posterior início de processo de escolarização daqueles que, em um primeiro momento, foram vistos como incapazes, necessitando de atendimentos que visavam à reabilitação.

Mantê-los em um ambiente no qual a organização era a base, fez com que se promovesse a escolarização, bem como o disciplinamento que a mesma exerce. Através desta pesquisa foi possível aproximar-se de algumas dessas práticas disciplinadoras e de escolarização, registradas em fotografias. Essas práticas se evidenciam em diferentes momentos: repetem-se, multiplicam-se, outras vezes, parecem perder força. Não são exclusivas de um momento, ou de uma perspectiva de escolarização.

Articulando as imagens das aulas de oralização com os exercícios em frente ao espelho, assim como o coral sinalizado, pode-se dizer que, nas três imagens, há o registro de distintas práticas, porém, elas se aproximam devido ao disciplinamento que se exerce sob esses corpos que necessitam que alguém lhes diga o que se

deve fazer. Percebe-se nessas imagens que o professor é a figura que auxilia na execução de bons movimentos – articulações orais ou sinalizadas. Sendo assim, essas imagens assemelham-se, pois, em seus registros, há um disciplinamento por meio da reprodução de movimentos desses corpos.

No processo de escolarização dos sujeitos surdos, fez-se o uso de dispositivos mecânicos, tanto em estratégias de disciplinamento individual com o aparelho auditivo quanto através de estratégias coletivas, como os loptes auditivos utilizados nas aulas de estimulação da linguagem. Sendo assim, é possível perceber que, em diferentes práticas de disciplinamento, há estratégias individuais, na qual em cada um dos sujeitos é capturado a singularidade; mas também houve ações disciplinadoras que ocorreram de maneira coletiva, ou seja, realizadas em grupo, no espaço da sala de aula, em aulas de educação física e apresentações cênicas diante de um grande público composto pela comunidade escolar.

A escola é responsável pela produção de subjetividades dos sujeitos que ali estão. Ela está envolvida em dispositivos que definem quem é normal ou anormal, nesse sentido, “reabilitar” vem a ser um discurso que produz esses sujeitos como incapazes e necessitados dos dispositivos que a escola exerce sobre eles, auxiliando-os a tornarem-se normais. Sendo assim, a instituição escolar vem a ser um pilar da sociedade, capaz de cuidar daqueles corpos mais frágeis que estão dispersos na sociedade.

As imagens relacionadas às práticas de ofício e de desporto estão vinculadas aos corpos dóceis que a escola molda. Observa-se que em ambas as imagens há um disciplinamento sobre os corpos que ali foram registrados. Essas práticas fazem com que eles sejam vistos como corpos saudáveis, praticantes de atividades desportivas e/ou competentes para aquisição de um ofício, demonstrando-se úteis para a comunidade escolar e para a sociedade em geral.

Ao analisar as fotografias vinculadas ao desporto e ao coral sinalizado percebe-se que cada uma apresenta diferentes práticas de disciplinamento, porém, em ambas, é possível observar aproximações em relação a estratégias de homogeneização e diferenciação como, por exemplo, no uso da padronização de vestimentas. Na fotografia sobre o desporto, as crianças que foram fotografadas utilizam camisetas brancas e amarelas, alternadamente, formando um círculo, o que nos pensar que a roupa foi previamente pensada. Esse cuidado com as vestimentas também é visualizado na fotografia do coral sinalizado, em que os participantes

alunos utilizam a mesma vestimenta, havendo uma uniformidade em suas roupas, diferenciada daquela usada pela professora que rege o coral. Segundo Vilela e Junger (2013, p. 164): “Nos espaços de poder, como no caso da escola, o uniforme apaga os referentes singulares do corpo em prol de uma lógica que favoreça o ordenamento disciplinar”.

Ainda, em ambas as imagens, há uma organização dos corpos, pois cada corpo ocupa um lugar determinado e, assim, faz com que se mantenha a ordem da apresentação, como também uma harmonia visual daqueles que as veem. Diante disso, percebe-se que o disciplinamento que aproxima essas imagens condiz com uma organização dos corpos e de sua visualidade, havendo uma sincronia de ambos, registrados nas imagens.

Como ressaltado em vários momentos desta dissertação e evidenciado nas análises das imagens, ao longo de sua história, houve a necessidade da escola em oralizar seus alunos, prática essa que esteve presente nas escolas de surdo através de diferentes modos, com o intuito de reabilitar os corpos. Porém, nos registros fotográficos, percebe-se que essa prática reabilitadora vai dando lugar a outras, sendo uma delas, a maneira de como a Língua de Sinais chega à escola, passando ser divulgada através das apresentações do coral sinalizado.

Para que esse processo ocorresse, a escola vivenciou algumas mudanças em relação às questões linguísticas, culturais e políticas: a criação dessa instituição através de uma estrutura clínica, e que, posteriormente, constitui-se com uma Escola Especial, atendendo diferentes sujeitos. No seguimento de sua história, por uma determinação da Secretaria da Educação, esse espaço foi reorganizado para atender somente alunos surdos, sendo que, nesse momento, juntamente com a emergência das discussões sobre a Língua de Sinais no contexto da educação de surdos, seu uso torna-se uma das possibilidades para começar a ter visibilidade na escola. Porém, inicialmente, a Língua de Sinais é apresentada para sociedade através de constantes espetáculos cênicos, ligados fortemente aos enquadramentos pedagógicos dessa língua (LUNARDI, 2003).

Analisar o disciplinamento como um processo intrínseco à escola não foi tarefa fácil, pois eu ainda tinha a visão de que disciplinar era fazer com que o outro se submetesse a castigos e punições. Entretanto, essa lógica estabelecida por mim foi sendo desconstruída conforme a necessidade que tive em me adensar nos

estudos foucaultianos, de modo que novas problematizações foram reconstituindo minha pesquisa e minhas experiências.

Diante dessa nova perspectiva, meu olhar de pesquisadora teve que se redirecionar para outros caminhos, fazendo com que refletisse a diferença: “o que eu queria pesquisar” versus “o que estava sendo produzido e emergindo dos dados”. Confesso que essa percepção aconteceu tardiamente em relação ao prazo estabelecido para a conclusão desta dissertação.

Essas novas perspectivas fizeram com que eu me aproximasse de um campo teórico que acreditava ser impossível de me apropriar. Aproximar-me dos estudos foucaultianos exigiu-me uma intensa dedicação, que, até o início da pesquisa, não condizia com os autores estudados até o momento.

Estudar Michel Foucault e seus estudiosos foi extremamente denso. As problematizações dessa teoria possibilitaram novas reflexões a respeito da escola e das práticas que se naturalizaram nesse ambiente; porém, durante a aproximação e estudo desses novos conceitos, percebo que não foi possível uma apropriação por completo, gerando algumas lacunas teóricas durante o exercício desta dissertação.

Pode parecer clichê, mas essa aproximação com Foucault foi um divisor de águas para a elaboração, desenvolvimento e conclusão desta pesquisa. Sendo assim, a perspectiva foucaultiana possibilitou-me aguçar meu olhar sobre a escolarização dos sujeitos surdos, os disciplinamentos que a escola exerce sobre esses corpos e, conseqüentemente, as subjetividades que ali são produzidas neles. Para o momento, deixo o indicativo de uma aproximação a outros estudos que articulam os Estudos Surdos à perspectiva foucaultiana, e das possibilidades de contribuir para novas problematizações no campo da Educação de Surdos.

## REFERÊNCIAS

- ADÃO, Adriene do Nascimento. Imagens da educação e currículos: trilhando caminhos. In: **Artifícios Revista do Difere** - ISSN 2179 6505, v. 1, n. 2, dez/2011. Disponível em: <<http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/D%20adriene.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2015.
- ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**. Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23. Disponível em: [http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-2/Educacao-MII/2SF/Cultura\\_e\\_Cotidiano.pdf](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-2/Educacao-MII/2SF/Cultura_e_Cotidiano.pdf) Acesso em: 11 abr. 2015.
- ALVES, Nilda; ANDRADE, Nívea; SOARES, Maria da Conceição. Um acervo fotográfico e suas possibilidades de pesquisa em currículos. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.8 n.2, ago, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/10983> Acesso em: 21 mai. 2015.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignifica nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alvez. (Orgs.) **Metodologia de pesquisas pós-estruturalistas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. Vigiar e punir ou educar? In. **Revista Biblioteca do Professor**. Foucault, v.3, p.26-35, 2012.
- BRASIL. **LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] Republica Federativa do Brasil. Brasília, DF, 24 de abril de 2002.
- BRASIL. **LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 2002.
- BRASIL. **DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art.18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] Republica Federativa do Brasil. Brasília, 22 de dezembro de 2005.
- BERINO, Aristóteles de Paula. **Juventudes**: circulação das imagens e fruição de identidades entre atos curriculares. Projeto de pesquisa: FAPERJ/UFRRJ, 2009.
- BOHNSACK Ralf. A interpretação de imagens segundo o método documentário. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativas em educação**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2010. p.114-134.
- BOHNSACK Ralf. A interpretação de imagens e o Método Documentário. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 9, nº 18, jun./dez. 2007, p. 286-311.

CRUDER, G; FICHMAN, G. Fotografias escolares como evento na pesquisa na educação. **Educação e Realidade**. Jul/dez 2003. p. 39-53.

DARBON, Sébastien. O etnólogo e suas imagens. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998. p.199-206.

FONSECA, Tatiana Maria Araújo da. A deficiência no interior da política de assistência social: um balanço sócio-histórico. In: **O Social em Questão**. Ano XVII, nº 30, 2013. p. 327-352.

FISCHMAN, Gustavo. Las fotos escolares como analizadores en la investigación educativa. In. **Educação e Realidade**, n. 31. Jul/dez 2006. p.79-94.

FISCHMAN, Gustavo E. Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educacional. In: CIAVATTA Maria; ALVES Nilva (orgs.). **A Leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 109-125.

FOUCAULT, Michel. O nascimento do hospital. In. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro> Edições Graal, 1979. p.99-110.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Ligia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

GALO, Silvio; VEIGA-NETO, Alfredo. Ensaio para uma filosofia da educação. In: **Revista Biblioteca do Professor**, Foucault. v. 3, p. 16-25.

INSTITUT National de Jeunes Sourds de Paris. Une histoire “à corps et à cri”. Paris: INJSP, 1994.

KLEIN, Madalena. **Tecnologias de governo na formação profissional dos surdos**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

KLEIN, Madalena. Educação e movimento surdo: histórias de rupturas e contestações. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena. **A Língua na Educação do Surdo**. Vol. 1. Porto Alegre: Secretaria Estadual de Educação, 2005.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. 3ªed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.

LIEBEL, Vinicius. Entre sentidos e interpretações: apontamentos sobre análise documentária de imagens. **Educação temática digital**. Campinas, v, 12, n.2, p.172-189, jan./jun. 2011.

LIMA, Francisco S. de. **Projeto Fotoetnográfico Ilha dos Marinheiros: a utilização da fotografia como método de pesquisa**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/137087839453435688731803753877224767610.pdf> Acesso em: 03 out. 2014.

LOCKMANN, Kamila. **Inclusão escolar**: dispositivo de normalização da alteridade surda. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro Universitário Feevale, Novo Hamburgo, 2006. [Digitado]

LOPES, Maura Corcine. **Foto&Grafias**: possibilidades de leitura dos surdos e da surdez na escola de surdos. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

LOPES, Maura Corcine; VEIGA-NETO Alfredo. Marcadores da cultura surda. In. VIEIRA – MACHADO, Lucienne M. da Costa; LOPES, Maura Corcini (Org.). **Educação de Surdos**: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda. 1ªed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

LOPES, Maura Corcine. **Surdez & Educação**. 2ª ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LULKIN, Sergio Andrés. **O silêncio disciplinado**: a invenção dos surdos a partir de representações ouvintes. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

LUNARDI, Márcia Lise. **A produção da anormalidade surda nos discursos da educação especial**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e Histórias – possibilidades de análise. In: ALVES, Nilva; CIAVATTA, Maria (Orgs). **A Leitura de imagens na pesquisa social**: história, comunicação e educação. 2ªed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 19-36.

POSSAMAI, Zita Rosane. A grafia dos corpos no espaço urbano: os escolares no álbum biografia duma cidade, Porto Alegre, 1940. In. **Revista História Educação**. Porto Alegre. v.19. n.47. Set/Dez, 2015. p.129-148.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. **História do povo surdo em Porto Alegre**: imagens e sinais de uma trajetória cultural. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

RODRIGUES, Ricardo C. **Análise e tematização da imagem fotográfica**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652007000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652007000300008) Acesso em: 03 out. 2014.

SCHVAMBACH Janaina. **A Fotografia como fonte de pesquisa e sua ficção documental**. Disponível em: <https://www.unochapeco.edu.br/static/data/portal/downloads/2544.pdf> Acesso em: 10 jul. 2015.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC. 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª ed. 6ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

VARELA, Julia; ALVAREZ- URIA, Fernando. **Arqueologia de la escuela**. Madrid: Ediciones de la Piqueta, 1991.

VARELA, Julia; ALVAREZ- URIA, Fernando. A maquinaria escolar. In. **Teoria & Educação**. Porto Alegre: Pannonica Editora, 1992. p.68-96.

VEIGA-NETO, Alfredo. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In: **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender** / Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

VILELA, Teresinha Maria de Castro; JUNGER, Victor. Uniforme e cultura visual: códigos visuais do escolar. In: **Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia-GO: UFG, FAV, 2013.

## **Anexos**

## **Anexo A – Autorização da direção da instituição**

Autorizo a realização da pesquisa intitulada “**Práticas de disciplinamento e escolarização: Registros fotográficos no contexto surdo**”, coordenada pelas professoras mestrandas Nathielle Francos da Silva e Doutora Madalena Klein, sendo orientanda e orientadora, respectivamente, ambas vinculadas ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas, na **Escola** \_\_\_\_\_, situada no município de \_\_\_\_\_, da qual sou diretora.

Declaro que estou ciente de que o objetivo geral da pesquisa é “averiguar práticas de disciplinamento e escolarização nesta escola que foram registradas em fotografias e também em narrativas de educadores e que possam compor de maneira mais sistemática esse contexto”.

Também estou ciente de que as atividades da pesquisa envolverão o acesso ao acervo fotográfico da escola, realizando a identificação de práticas pedagógicas em suporte imagético - como as fotografias. Essas fotografias serão reproduzidas por meio de novas fotografias para futuras análises do pesquisador. Fui informada dos demais aspectos da pesquisa, inclusive do sigilo em relação ao nome dos participantes e do estabelecimento de ensino.

Considerando que as fotografias serão utilizadas em pesquisas, fui informada que estes materiais estarão em domínio do pesquisador, sendo utilizadas para uso exclusivo de fins acadêmicos.

As narrativas de professores serão solicitadas entre aqueles que tiverem participação na história da escola, que puderem contribuir com a identificação das fotografias selecionadas, de forma voluntária e sem qualquer ônus, garantidas as condições de participação através de um Termo de Consentimento Livre e Consentido individualmente assinado.

Todas as medidas para assegurar a confidencialidade do material serão garantidas. Fui informada de que, a qualquer momento, a direção da escola poderá interromper a participação, sem qualquer prejuízo de qualquer espécie, tendo garantida a devolução do material coletado.

Local e data: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Diretora da Escola:

---

Pesquisadora: Nathielle Francos da Silva

E-mail da pesquisadora: nathifrancos@yahoo.com.br

Professora orientadora: Dra. Madalena Klein

E-mail da orientadora: kleinmada@hotmail.com

## **Anexo B - Modelo do termo de consentimento livre e informado**

**PESQUISA: “Práticas de disciplinamento e escolarização:** Registros fotográficos no contexto surdo”, coordenada pelas professoras mestranda Nathielle Francos da Silva e Doutora Madalena Klein, sendo orientanda e orientadora, respectivamente, ambas vinculadas ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas.

**NATUREZA DA PESQUISA:** Tem como objetivo “averiguar práticas de disciplinamento registradas em fotografias”, fazendo o uso de fotografias e também de narrativas de sujeitos que possam compor de maneira mais sistemática esse contexto.

**ENVOLVIMENTO NA PESQUISA:** As atividades da pesquisa envolverão entrevistas que serão gravadas através de câmeras de vídeo e/ou gravador de voz.

**RISCOS E DESCONFORTO:** A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos, cf. Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum procedimento oferece riscos à dignidade dos participantes. A qualquer momento, se algum participante da pesquisa decidir interromper sua participação, sua vontade será acatada, sem qualquer prejuízo de qualquer espécie para o mesmo.

**CONFIDENCIALIDADES:** As narrativas produzidas para esta pesquisa não serão identificados e haverá sigilo quanto ao nome dos participantes da pesquisa. Em relação às filmagens e/ou áudios, fui informada que estes materiais estarão em domínio do pesquisador, sendo utilizadas para uso exclusivo de fins acadêmicos.

**BENEFÍCIOS:** Ao participar da pesquisa, os participantes terão apenas benefícios de caráter educativo, como acesso aos resultados da pesquisa.

**PAGAMENTO:** Os participantes da pesquisa não terão qualquer tipo de despesa para dela participar, assim como não receberão nenhum tipo de pagamento por sua participação.

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento, de forma livre, para que você participe desta pesquisa. Para isso, preencha, por favor, os itens que seguem:

## CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu,  
\_\_\_\_\_, de forma livre e esclarecida, aceito  
participar desta pesquisa.

---

Assinatura do(a) entrevistado(a)

---

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Pesquisadora: Nathielle Francos da Silva

E-mail da pesquisadora: nathifrancos@yahoo.com.br

Professora orientadora: Dra. Madalena Klein

E-mail da orientadora: kleinmada@hotmail.com

## **Apêndice**

**Apêndice A – Demais imagens selecionadas pelas entrevistadas**











